

VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA

ILHABELA 1900-1980



[Maristela Colucci, org.] [Camila Prado, textos]





VILLA BELLA

MEMÓRIA ICONOGRÁFICA
DE UMA BELA ILHA

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.]

[Camila Prado, textos]

grão
editora

Ilhabela, 29-3-46. -

Querido Arthur!

Resolvi hoje escrever-lhe algumas linhas, apesar de não ter recebido ainda sua resposta.

Estou me divertindo imensamente, pois agora fiz amizade com toda a turma do hotel. São todos muito alegres e portanto as horas passam depressa. Estou agora gostando muito daqui, mas não posso ficar descansando, que nunca me esqueço de você. Pretendo partir dia 24 ou 25, conforme arranjar passagem e como o ônibus chega aí às 13,1/2 hrs. telefonarei a você no mesmo dia. Assim poderemos conversar à noite, isto é, se você ainda não se esqueceu de mim.

Bem, Arthur, vou por um ponto final neste, despedindo-me com um forte abraço

Margarida

P.S.: Recomendo a exma. sua família. Minha irmã manda lembranças.



Sonho, memória e pertencimento

“Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.”

Luis Buñuel, *Meu Último Suspiro*

Não sei se as fotografias resgatadas por Maristela Colucci pudessem ser realmente fotografias, mas pareciam fotografias, que poderiam enriquecer muitas aventuras imaginárias. A memória é sempre invadida pela imaginação e pelo devaneio. Isso poderia ser apenas o início da sua busca por imagens antigas de Ilhabela, cidade que sempre a atraiu e que há tempos se tornou sua moradia.

Há cerca de 15 anos, ela foi fisgada pela ideia de colaborar na construção da memória imagética do município. Depois de circular pelas praias e montanhas, ouvir incríveis histórias de antigos moradores daquele mágico arquipélago formado por 4 ilhas e 11 ilhotas, Maristela assumiu, como artista e fotógrafa, a responsabilidade de reunir um conjunto de imagens, de preferência o mais amplo possível, para dar conta de uma parte da história visual do território.

Com o tempo e a sabedoria de quem sabe esperar, ela foi ganhando confiança, conseguindo relatos convincentes de experiências vividas por pessoas que ali habitavam e reunindo, aos poucos, um conjunto expressivo de fotografias e cartões-postais. A valorização desse adensamento da memória coletiva possibilita agora sua devolução na forma de um conteúdo inédito, diferenciado, que revaloriza, para os cidadãos de Ilhabela, a ideia de pertencimento.

Os sonhos só existem por meio das memórias que os alimentam. Fotografias familiares, fotografias de eventos, cartões-postais e registros descompromissados do cotidiano, agora reunidos, ajudam a circunscrever uma geografia e uma sociabilidade que identificam certos lugares e recuperam alguns personagens. Na verdade, cada fotografia coletada torna-se um mundo que se abre para todos nós, observadores atentos das singularidades e da beleza do mundo. Um testemunho do visível, registrado por quem quer que tenha sido, mas que, agora, emana saudade e informação.

O cartão-postal, em relação à fotografia familiar, guarda particularidades. Enquanto a segunda é, quase sempre, cópia única, que permanece reclusa em algum álbum ou em caixas escondidas dentro de armários ou gavetas, o cartão-postal tem grandes tiragens, circula mundo afora, indiscriminadamente, mas também alimenta esses mesmos álbuns familiares. E a rica diversidade desse inventário de imagens e de falas coletadas por Maristela mostra o quanto a artista apurou sua curiosidade pela investigação ao longo do projeto.

Em particular, a coleção de imagens recuperadas – algumas delas transformadas em cartões-postais – nos leva a compreender toda a complexidade das diferentes formas de resgatar os espaços de sociabilidade existentes na ilha, bem como parte de sua paisagem e de seu espaço urbano. Um pequeno paraíso que ainda mantém uma pequena parte do seu patrimônio histórico e cultural.

O cartão-postal tem uma lógica diferente enquanto imagem. A fotografia, esquecida nos arquivos familiares, era única e quase invisível, mas, transformada em postais, ganha visibilidade e circula mais intensamente. Compartilhar esse conjunto de imagens, selecionadas de um arquivo formado ao longo da pesquisa com seus contemporâneos, é uma experiência de lembrança coletiva. Cada vez que se multiplica a imagem através do cartão-postal, a memória se amplia e fica mais democratizada.

Essa foi a proposição quando do surgimento do cartão-postal – um meio de comunicação de baixo custo capaz de transmitir mensagens rapidamente, com peso

leve e uniforme, formato padronizado, livre circulação e sem confidencialidade. Primeiro como “Bilhete Postal” e, com a inserção de uma imagem, tornou-se “Cartão-Postal”. Sua regulamentação se deu na segunda metade do século retrasado. Rapidamente, se transformou numa indústria de amplitude global.

A produção e o consumo massivo nas primeiras décadas do século 20 foram de tal ordem que consideramos de 1900 a 1920 a Idade de Ouro do cartão-postal. A imagem do postal, associada ao advento das revistas ilustradas e do cinema, inaugurou o que denominamos hoje “o século da imagem”. Recordação de caráter familiar, lembranças de eventos, paisagens, monumentos e cidades, a produção do postal se transformou numa lucrativa indústria gráfica, adquiriu uma importância fundamental na construção da memória afetiva e relevante fonte iconográfica de seu tempo.

Com a publicação deste livro de depoimentos e mais de 50 fotografias e cartões-postais, é possível perceber que cada um deles mostra uma interessante possibilidade de interpretar a história de Ilhabela. O conjunto potencializa o registro de diferentes tempos históricos e permite que cada leitor, a partir de agora, mantenha sob sua guarda e responsabilidade parte da história visual da cidade, de alguns personagens e de suas principais manifestações socioculturais – a Congada de São Benedito, a Folia de Reis, o pescador, o carro de boi, as salgas, as redes de pesca, as casas dos caiçaras e o time de futebol, entre tantas outras formas de memória e cultura.

Com esse projeto – *Villa Bella – Memória Iconográfica de uma Bela Ilha (Ilhabela 1900 - 1980)*, Maristela Colucci e a jornalista Camila Prado propõem uma geografia que nos conduz à identificação da beleza e da quietude do tempo passado. Sem documentos não há história.

Rubens Fernandes Junior
Pesquisador e Curador de Fotografia



Uma travessia no tempo

Durante muitos anos, sonhei reunir fotografias antigas de Ilhabela, que eu sabia estarem guardadas como tesouros sem mapas conhecidos. Recentemente, fui Tateando até que os caminhos me levaram a alguns dos guardiões dessas preciosidades: pessoas de 60, 80 e até 96 anos que, generosamente, abriram suas casas, seus álbuns, suas caixas, suas vidas.

Embalados em suas memórias, revisitamos os engenhos em plena atividade, cruzamos o canal em canoa a remo e a pano, vimos o comércio com Santos florescer e, depois, minguar. Embarcamos em lendárias canoas que transportavam de produtos a noivos, convidados e também mortos. Acordamos no meio da noite encantados com os foliões de Reis em nossas portas e janelas, e navegamos em procissões de São Pedro, e assistimos à Congada, e nos envolvemos tanto que até escutamos o som da marimba.

Fomos prá lá e prá cá a pé e de bicicleta, desequilibrando-nos nos trechos por vezes arenosos das picadas entre as praias. Caminhamos muitos quilômetros para chegar diariamente à escola. Soltamos picaré com os adultos. Ouvimos o som do berrante chamando-os ao mar quando a tainha entrava.

Jovens, nos juntamos com amigas e amigos no pontão da Vila para tocar, cantar e, às vezes, dançar. Esse nosso cotidiano foi parar até nas telas de cinema, quando chegou aqui, pouco antes de 1950, a equipe do filme *Caiçara*, primeira produção da Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

Aos poucos, fomos recebendo os primeiros imigrantes e também os primeiros veranistas. Vimos a arquitetura se transformando diante das novas demandas. Testemunhamos a chegada do primeiro automóvel à ilha e de muitos outros quando

a balsa iniciou sua operação – aí, já estávamos batendo às portas da década de 1960. Por fim, avançamos pelos anos 1970 e continuamos pulando Carnaval e tingindo as águas do canal ao final do Banho da Dorotéia.

Tantas lembranças e emoções levaram-nos a essa viagem que as fotografias aqui revelam. Elas, que têm o poder mágico de atravessar o tempo, mesclando passado e futuro.

Todos os depoimentos mostraram um ponto em comum: o amor por Ilhabela. É esse olhar amoroso que lançamos a Villa Bella/Formosa/Villa Bella da Princesa/Vilabela/Ilhabela desde o início do século passado, e chegamos ao dia a dia corrente com uma certa nostalgia e a vontade confessa de ter realmente vivido aqueles tempos simples e libertos.

Seguimos viagem, carregados agora de uma visão mais ampla e de novos sentimentos, que nos fazem entender melhor os dias atuais e lutar por um presente e um futuro dignos dessa terra e de seus habitantes, dos originários àqueles que um dia fizeram essa travessia guiados pelo coração.

Maristela Colucci

Histórias de outrora

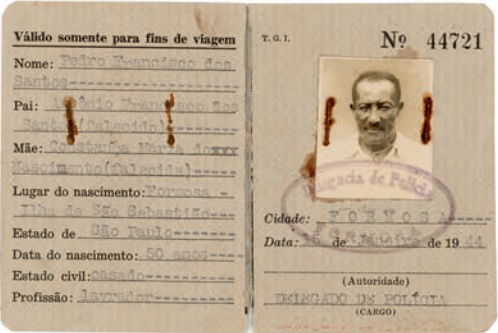
Uma terra cercada por um mar de nomes

É em Maembipe que tudo começa. Ou pelo menos até onde a história, sem data certa, pode chegar. Do tupi, *maembipe* significa “local de trocas de mercadorias e resgate de prisioneiros”, segundo registrou o alemão Hans Staden, indicando que a ilha era espaço neutro nas acirradas disputas entre os povos Tupinambá e Tupiniquim. Escavações arqueológicas revelam vestígios de que também se fixaram aqui indígenas do tronco Macro-Jê.

A ilha recebe novo nome e novo rumo com a passagem das caravelas de Américo Vespúcio, no dia 20 de janeiro de 1502. Em homenagem ao santo do dia e ajustada aos tempos da colonização, ela torna-se Ilha de São Sebastião.

Mas é somente em 1805 que passa do *status* de “capela” ao de “vila”, desvencilha-se do outro lado do canal, desprende-se de São Sebastião da Terra Firme e ganha o nome de Villa Bella da Princesa. A homenagem é à filha primogênita do rei Dom João VI, a Princesa da Beira, que tinha um nome quase sem fim: Dona Maria Teresa Francisca de Assis Antônia Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafaela Isabel Gonzaga de Bragança.

Com a Proclamação da República, em 1889, cai o termo “princesa” e o nome passa a ser só Villa Bella. Em 1938, o que era separado se junta: Vilabela, agora elevada à condição de cidade, chega bem perto de seu nome atual, não sem antes sofrer um desvio por imposição presidencial. De um dia para outro, Getúlio Vargas batiza a ilha de Formosa. São quatro anos em que a população fica em polvorosa. Até que, em 1944, a cidade enfim encontra no nome Ilhabela seu derradeiro cais.



Documento do avô de Bicudo (pg. 78), cuja cidade é Formosa, nome de Ilhabela por um breve período. 1944 | Acervo José Francisco dos Santos



Da pequena vila para o mundo: Ilhabela no século XX

Com o deslocamento da produção cafeeira para o oeste paulista e a abolição da escravidão, Ilhabela entra no século XX em grande retração econômica. Toda a pujança que experimentou no século anterior com o lastimável comércio de escravizados e a produção de café desaparece juntamente com os barcos a vapor, que antes vinham de Santos para retirar sacas e mais sacas de ouro negro, como era conhecido o café.

A pesca para subsistência e as roças de mandioca, feijão, abóbora, milho e banana nunca foram abandonadas pelo caíçara. Mas era preciso encontrar outras alternativas. Assim, voltam a girar as rodas d'água dos engenhos, que haviam reduzido muito a atividade com a decadência do ciclo açucareiro e a ascensão do café. Agora, readequados para alambiques, produziam aguardente em vez de açúcar. Nas primeiras duas décadas do século XX, a produção de cachaça torna-se o alicerce da economia ilhabelense.

Para romper o isolamento imposto ao litoral norte em relação aos grandes centros, seja por falta de acesso rodoviário, seja por falta de grandes barcos, as canoas de voga são a salvação. A bordo delas, a remo ou a pano, toda a produção chega ao mercado de Santos. Construídas com uma técnica caíçara a partir de um só tronco de árvore que podia atingir cerca de 20 metros, as canoas feitas em Ilhabela ocuparam posição de destaque em todo litoral norte no início do século.

Por volta de 1920, imigrantes japoneses aportam na cidade com novos saberes. Assim, o cerco flutuante e as salgas dão nova vida à atividade pesqueira, que passa a acontecer a bordo de pequenos barcos a motor. Os imigrantes influenciam de forma determinante os caíçaras, que continuam utilizando as técnicas japonesas mesmo depois de muitos terem ido embora por conta da Segunda Guerra Mundial e dos consequentes prejuízos às relações entre Brasil e Japão.

De um fazer artesanal, a pesca torna-se importante atividade econômica ao lado da produção de aguardente, que vai minguando até meados da década de 1970.

Apesar dos muitos esforços, são árduos tempos. Primeira Guerra Mundial, Crise de 1929, Golpe de 1930, Revolução Constitucionalista de 1932 e Segunda Guerra Mundial impõem imensos desafios à sobrevivência e provocam o êxodo de boa parte da população. As cerca de 8 mil pessoas que habitavam Ilhabela em 1920 somavam menos de 5 mil em 1950, segundo publicado no livro *A Ilha de São Sebastião*, de Ary França (1954).

Tão grande era a escassez produtiva que, em 1934, a Comarca de Villa Bella é extinta; mas, no mesmo ano, um decreto restabelece sua independência em relação a São Sebastião.

Em meio aos imbróglios, uma boa notícia: a estagnação permite que a mata, devastada pelos ciclos do açúcar e do café, tenha algum tempo para se regenerar. Para preservar a Mata Atlântica, o Parque Estadual de Ilhabela, um parque-arquipélago que abrange quase 85% do município, é criado em 1977.

Um tímido fluxo de veranistas começa a acontecer a partir de 1935, com a abertura da estrada de rodagem São Sebastião–São Paulo e a incipiente retomada do movimento de navios vindos de Santos.

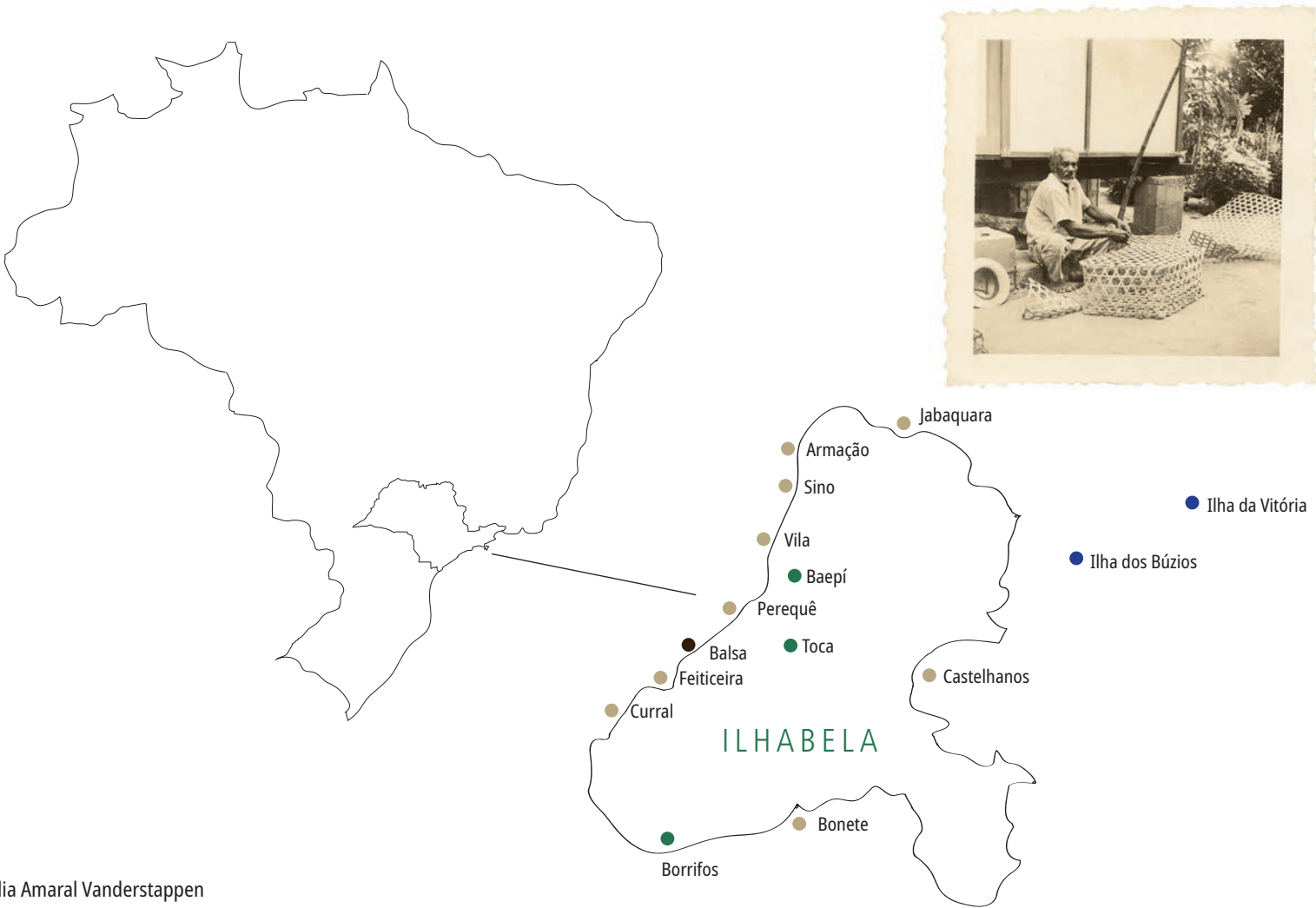
A partir da década de 1950, marcada, em seu início, pela inauguração da Rodovia Presidente Dutra e, em seu final, pela implementação do sistema de balsas, o maior arquipélago oceânico do Brasil começa a entrar em novos tempos, que se intensificam com a inauguração, em 1960, do terminal marítimo da Petrobras e, em 1970, da Rodovia dos Tamoios.

Casas de veranistas e as mãos de mineiros e nordestinos que as constroem fazem a cidade crescer, de norte a sul, com residências de alto padrão e, para dentro, com bairros populares que sobem as montanhas, como o Morro dos Mineiros e o Alto da Barra. Questões próprias ao processo de urbanização, como pressão imobiliária e crescimento desordenado, surgem com o despertar de Ilhabela para a atividade que passa a ser sua grande vocação nas próximas décadas: o turismo.

Na página seguinte, em sentido horário: Senhor Getulino fabricando covo, apetrecho de pesca para captura de algumas espécies. s.l. | s.d. | Foto: Waldemar Belisário | Arquivo Waldemar Belisário

Roda da Fazenda Engenho d'Água, que produziu aguardente até a década de 1970. s.d. | Acervo Família Cardial

Por causa da estrutura elevada, esta balsa era conhecida como “cestinha”. Canal de São Sebastião | década de 1960 | Acervo Família Amaral Vanderstappen



De 1900 a 1980: o projeto Villa Bella, as imagens da ilha e a história da fotografia

As imagens coletadas pelo projeto *Villa Bella – Memória iconográfica de uma bela ilha* percorrem um período em que avanços tecnológicos promovem a popularização da fotografia – de início incipiente e, a cada novo recurso, aproximando-se da massificação, que só acontece de fato com o surgimento da fotografia digital nos anos 1990. Acompanhando esse contexto, em que as câmeras são cada vez mais portáteis e acessíveis, surgem os fotógrafos amadores e o ato de fotografar passa, aos poucos, a fazer parte de uma vida mais cotidiana, como é possível observar nas fotos selecionadas. A maioria das coleções a que o projeto teve acesso, no entanto, revela que a popularização da fotografia, ainda que tenha ocorrido, esbarrou nos limites impostos pelas consequências socioeconômicas da escravidão, o que infelizmente resulta em raras imagens de pessoas negras no período pesquisado.

Coincidindo com a evolução da história da fotografia está o recorte histórico do projeto, que remonta à transição da Villa Bella caiçara, no início do século XX, ainda com “ranço” colonial e base econômica na pesca e na agricultura, para a Ilhabela cada vez mais urbana: com estradas de acesso, balsa, carros e veranistas, prenunciando, por volta de 1980, a vocação da cidade para o turismo, que se intensificaria nas décadas seguintes.



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Muito antes de ser frequentado por turistas em trajes de banho e afins, o Píer da Vila era um ponto de partida e de chegada por onde passageiros e mercadorias circulavam rotineiramente desde a época colonial. A construção, antes de madeira e popularmente conhecida como “Pontão”, já abrigou vários comércios, entre eles um dos primeiros hotéis da cidade, o Villa Bella, e os restaurantes Arco do Triunfo e Aracati. Vila – Ilhabela | Década de 1960 | Acervo Família Arruda Volcoff

Long before being attended by tourists in swimsuits and the like, Vila’s Pier was the departure and arrival dock where passengers and goods circulated routinely since colonial times. The building, previously made of wood and popularly known as *Pontão*, has already housed many businesses, including one of the first hotels in the city, Villa Bella, and Arco do Triunfo and Aracati restaurants. Vila – Ilhabela | 1960s | Arruda Volcoff Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025

 ilhabela_1900_1980_villa_bella

Um longo mangue, que hoje resiste apenas nas proximidades da balsa, estendia-se da Barra Velha ao Perequê. As praias se conectavam por trilhas, onde passavam somente pedestres e cavalos. Em menos de vinte anos, a pacata Praia do Perequê que vemos nesta foto adquiriu uma nova paisagem sonora, com o ronco dos automóveis trazidos pela balsa a partir de 1958. Praia do Perequê – Ilhabela | Década de 1940 | Foto: José Mauro Pontes | Acervo particular

A long mangrove swamp, which today only survives in the vicinity of the ferry, stretched from Barra Velha to Perequê. The beaches were connected by trails, where only pedestrians and horses passed through. In less than twenty years, the quiet Perequê Beach that we see in this picture, acquired a new soundscape, with the roar of cars brought by the ferry from 1958 onwards. Perequê Beach – Ilhabela | 1940s | Photo: José Mauro Pontes | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



 ilhabela_1900_1980_villa_bella

Rua da Padroeira, na Vila, uma das ruas mais antigas de Ilhabela, ainda com o lado esquerdo praticamente sem casas; ao fundo, a torre do prédio da antiga Cadeia e Fórum. Vila – Ilhabela | s.d. | Acervo Eulina de Mello Quinteiro

Padroeira Street, in Vila, one of the oldest streets in Ilhabela, with virtually no houses on the left side; in the background, the tower of the old Jail and Forum building. Vila – Ilhabela | n.d. | Eulina de Mello Quinteiro Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Professores da Universidade de São Paulo (inaugurada em 1934) incentivaram estudantes a coletar, em seus locais de origem, informações sobre o Brasil. Em Ilhabela, Ary França realizou expedições ao lado de outros estudantes. Na foto, a partir da esquerda, Georgete Bergo e os irmãos Irene, Mário e Ary França com a família do faroleiro da Ponta do Boi. Ponta do Boi – Ilhabela | 1942 | Foto: Maria Stella Bergo Rodriguez | Acervo particular

Teachers from the University of São Paulo (inaugurated in 1934) encouraged students to collect information about their places of origin in Brazil. In Ilhabela, Ary França carried out expeditions alongside other students. In the photo, from the left, Georgete Bergo and the siblings Irene, Mário and Ary França with the Ponta do Boi Lighthouse keeper's family. Ponta do Boi – Ilhabela | 1942 | Photo: Maria Stella Bergo Rodriguez | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

A bordo do barco em alto-mar, o pescador Jordalino foi fotografado por Kenzou, proprietário da salga da família Imakawa, que produzia o *katsuobushi* (peixe Bonito ralado) e o *dashicô* (sardinhas salgadas e prensadas). Na Praia da Armação, também funcionavam outras salgas – no total, eram seis no município. Ilhabela | s.d. | Foto: Kenzou Imakawa | Acervo Família Imakawa

Aboard on the high seas, the fisherman Jordalino was photographed by Kenzou, owner of the Imakawa family's *salga* (fish salting factory), that produced *katsuobushi* (grated Bonito fish) and the *dashicô* (salted pressed sardines). At Armação Beach, there were also other *salgas* – in total there were six in the municipality. Ilhabela | n.d. | Photo: Kenzou Imakawa | Imakawa Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



 ilhabela_1900_1980_villa_bella

O povoamento de Ilhabela começou em torno da Capela Nossa Senhora d'Ajuda e Bom Sucesso, construída por escravizados no final do século XVIII com madeira, barro, óleo de baleia e folhas de palmeira e reformada no início do século XIX com paredes de pedra e cal de conchas. Elevada à condição de matriz em 1806, cumpriu, desde sua origem, o papel de atrair novos moradores para a região. Vila – Ilhabela | Década de 1940 | Foto: Maria Stella Bergo Rodriguez | Acervo particular

The settlement of Ilhabela started around Nossa Senhora d'Ajuda and Bom Sucesso Chapel, built by slaves in the late 18th century with wood, clay, whale oil and palm tree leaves and renovated in the early 19th century with stone walls and shell lime. Elevated to the status of Main Church in 1806, it has fulfilled, since its inception, the role of attracting new residents to the region. Vila – Ilhabela | 1940s | Photo: Maria Stella Bergo Rodriguez | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



 ilhabela_1900_1980_villa_bella

Presente em várias regiões do Brasil desde os tempos coloniais, a Folia de Reis, Reisado ou mesmo Festa de Santos Reis é parte da tradição de festas religiosas populares em Ilhabela. Moradores mais antigos relatam a alegria de abrir suas casas para receber diversos grupos que, entoando cantos e orações, anunciavam a chegada do menino Jesus. Praia do Pinto | 1980 | Acervo Dedé França

Present in several regions of Brazil since colonial times, *Folia de Reis*, *Reisado* or even *Festa de Santos Reis* is part of the tradition of popular religious festivals in Ilhabela. Older residents report the joy of opening their homes to receive different groups that, chanting songs and praying, announced the arrival of baby Jesus.
Pinto Beach | 1980 | Dedé França Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



 ilhabela_1900_1980_villa_bella

Na década de 1920, imigrantes japoneses introduziram em Ilhabela os cercos flutuantes e as salgas. Ambas as técnicas, somadas à chegada de pequenos barcos a motor no lugar das canoas, tornaram a pesca uma atividade central no município. Na imagem, peixes secando ao sol na salga da família Imakawa.
Praia da Armação – Ilhabela | 1925 | Acervo Família Imakawa

In the 1920s, Japanese immigrants introduced floating enclosures and *salgas* (fish salting factories) in Ilhabela. Both of these techniques together with the arrival of small motor boats that took the place of canoes, turned fishing into a central activity in the municipality. The image shows fish drying under the sun in Imakawa family's *salga*.
Armação Beach – Ilhabela | 1925 | Imakawa Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Formatura do Grupo Escolar em 1946. Nesse mesmo ano, com o fim do Estado Novo, promulgou-se uma Constituição mais democrática, que trazia um capítulo inédito, exclusivo para a Educação, com artigos que asseguravam o livre pensamento, a publicação de livros e periódicos sem depender do aval do poder público e a liberdade de cátedra, das ciências, das letras e das artes. s.l. | 1946 | Acervo Maria José Fazzini (Dedeca)

Graduation of the School Group in 1946. That same year, with the end of the Estado Novo, a more democratic Constitution was promulgated, which included an unprecedented chapter, exclusively for Education, with articles that ensured free thought, the publication of books and periodicals without depending on the endorsement of the public power and the freedom of professorship, sciences, languages and arts. n.l. | 1946 | Maria José Fazzini (Dedeca) Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Assim como em outras fazendas, a casa sede da Engenho d'Água abrigava tanto as atividades industriais quanto a moradia dos proprietários. Devido aos esforços da família Gontier, que adquiriu a fazenda em 1939, o imóvel foi tombado seis anos depois pelo Iphan, passando a ser considerado um dos principais patrimônios históricos e culturais de Ilhabela. Engenho d'Água – Ilhabela | s.d. | Acervo Eulina de Mello Quinteiro

As on other farms, the headquarters of Engenho d'Água housed both industrial activities and the owners' homes. Due to the efforts of the Gontier family, who acquired the farm in 1939, the property was listed six years later by Iphan, becoming one of Ilhabela's main historical and cultural heritage sites.

Engenho d'Água – Ilhabela | n.d. | Eulina de Mello Quinteiro Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025

 ilhabela_1900_1980_villa_bella



Era comum carros de boi circularem entre as picadas que eram abertas para conectar um lugar ao outro. Carregavam de tudo e até serviam para passeios, mas eram usados principalmente para transportar cana e banana. Havia um segredo para tirar o barulho das rodas: passar sebo de carne ou banha de porco para a madeira ficar bem lisa. s.l. | s.d. | Acervo Dedé França

Ox carts were a common sight along the narrow trails opened to connect one place to another. They carried everything and were even used for leisure ride, but were mainly used to transport sugarcane and bananas. There was a trick to stop the wheels from squeaking: rubbing beef tallow or lard to make the wood smooth. n.l. | n.d. | Dedé França Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025

 ilhabela_1900_1980_villa_bella

A cada jogada de rede na água, pedras e peixes rasgam seu tecido. Para ficar fácil de ver os buracos e os pontos que precisavam de conserto, era comum esticar a rede num varal feito de bambus atravessados. A imagem mostra homens costurando uma rede muito comprida, provavelmente utilizada em barcos de arrastão.
s.l. | s.d. | Foto: Maria Stella Bergo Rodriguez | Acervo particular

Every time a net is cast into the water, stones and fish tear its fabric. To make it easy to see the holes and the spots that needed repairing, it was common to stretch the net on a clothesline made of crossed bamboos. The image shows men sewing a very long net, probably used in trawling boats.
n.l. | n.d. | Photo: Maria Stella Bergo Rodriguez | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Entre as décadas de 1940 e 1960, a *família* Ansaloni passava férias inteiras em Ilhabela. Nesta imagem, integrantes do clã estão no trapiche do Perequê, praia onde também tinham suas casas. Antes de se tornarem veranistas, haviam morado na cidade: o casal de italianos Frederico e Luiza chegou em 1904, mas mudou-se para São Paulo com as 9 filhas quando as mais velhas precisaram continuar os estudos. Praia do Perequê | 1946 | Foto: Diva Ansaloni | Acervo Família Ansaloni

Between the 1940s and 1960s, the Ansaloni family spent entire vacations in Ilhabela. In this image, members of the clan are at the Perequê pier, the beach where they also had their homes. Before becoming vacationers, they had lived in the city: Italian couple Frederico and Luiza arrived in 1904, but moved to São Paulo with their nine daughters when the eldest ones needed to continue their studies. Perequê Beach | 1946 | Photo: Diva Ansaloni | Ansaloni Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

A poucos metros do mar, essa era a paisagem corriqueira até meados do século XX: as canoas na praia. Nessa mesma faixa, também eram comuns os ranchos de canoa, as redes e outros apetrechos de pesca. Um pouco atrás, grandes árvores que ficavam em frente às casas, normalmente alinhadas. E, atrás das habitações, rumo às encostas dos morros, as roças. s.l.| 1951 | Acervo Anna Cardial

Just a few meters from the sea, this was a common sight until the mid-20th century: canoes lined up on the beach. Along this same stretch of sand, it was also common to see canoe sheds, fishing nets, and other gear. A little further back stood large trees in front of the houses, usually lined up in a row. And behind the houses, toward the hillsides, were the cultivated fields. n.l.| 1951 | Anna Cardial Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025





ilhabela_1900_1980_villa_bella

O automóvel que adentra a balsa deixa uma pista do ano em que esta foto foi tirada. Trata-se de um Aero Willys, primeiro carro desenvolvido inteiramente no Brasil, em 1962. Esta embarcação é bem característica da década 1960, mas em 1970 ainda estava em operação. Balsa | 1968 | Foto: Julio Croce | Acervo particular

The car entering the ferry gives a clue to the year this photo was taken. It is an Aero Willys, the first car fully developed in Brazil, in 1962. This type of ferry is typical of the 1960s, but it was still in operation in 1970. Ferry | 1968 | Photo: Julio Croce | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



 ilhabela_1900_1980_villa_bella

A Congada é um patrimônio imaterial de Ilhabela e inspirou o pintor Waldemar Belisário a registrá-la. Sua tela *Congada* motivou Mário de Andrade a conhecer ao vivo o festejo – anos antes, o escritor coletara danças e músicas pelo país para publicar o *Ensaio sobre música brasileira*, considerado referência para nossa música erudita. Vila – Ilhabela | Década de 1940 | Foto: Waldemar Belisário | Arquivo Waldemar Belisário

The *Congada* is an intangible heritage of Ilhabela and inspired the painter Waldemar Belisário to register it. His canvas *Congada* motivated Mário de Andrade to get to know the festivities live – years before, the famous Brazilian writer had collected dances and music across the country to publish the *Ensaio sobre música brasileira*, considered a reference to Brazilian classical music. Vila – Ilhabela | 1940s | Photo: Waldemar Belisário | Waldemar Belisário Archive



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Apesar da imagem pacata, em frente à Capela São João Batista aconteciam animados ensaios da Congada de São Benedito na década de 1930. Ali também eram realizadas as festas de São João, no tablado que havia diante da fachada da igreja. Em 2000, a construção passou por uma reforma de ampliação, mas manteve sua fachada colonial. Perequê | s.d. | Acervo Dedé França

Despite the peaceful scene, lively rehearsals of the São Benedito *Congada* took place in front of the São João Batista Chapel during the 1930s. The traditional São João festivities were also held there, on a wooden stage set up in front of the church facade. In 2000, the chapel underwent an expansion but preserved its colonial facade. Perequê | n.d. | Dedé França Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025





ilhabela_1900_1980_villa_bella

Cada vez mais raras, assim eram as casas caiçaras: feitas a partir de técnicas similares às dos caipiras no interior, com chão de terra batida, paredes de pau-a-pique e telhado feito de sapê; pendurado do lado de fora, um tear de fazer esteira de taboa, cujas folhas de fibra durável e resistente são usadas como matéria-prima para artesanato, como cestas e bolsas. s.l. | s.d. | Acervo Dedé França

Increasingly rare, such were the *caiçara* houses: made using techniques similar to those of country bumpkins, with dirt floors, wattle and daub walls, thatched roof; hanging outside, a loom to make mats out of *taboa* plant, whose durable and resistant fiber leaves are used as raw material for crafts, such as baskets and pouches. n.l. | n.d. | Dedé França Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Praticamente, cada praia ilhabelense fundou seu time de futebol de campo, que disputavam campeonatos de tempos em tempos. Com a bola na mão, Zé de Alício, caçara muito querido e um dos fundadores do Esporte Clube Ilhabela, está com outros jogadores no antigo campo do Itaquanduba, atual Estádio Municipal Ferreirão. Itaquanduba – Ilhabela | Década de 1950 | Acervo Família Zé de Alício

Practically every beach from Ilhabela founded its field soccer team, wich played championships from time to time. With the ball in his hand, Zé de Alício, a beloved *caçara* and one of the founders of Esporte Clube Ilhabela, is with other players in the former Itaquanduba field, current Municipal Stadium Ferreirão.

Itaquanduba – Ilhabela | 1950s | Zé de Alício Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Pescadores consertam redes com o Pico do Baepi ao fundo. “Até meados do século passado, Ilhabela ainda era uma das principais áreas da pesca do Brasil Meridional”, segundo estudo do pesquisador Paulo Silva Noffs, doutor em Geografia Humana pela USP.
s.l. | Década de 1940 | Foto: Maria Stella Bergo Rodriguez | Acervo particular

Fishermen repair nets with Baepi Peak in the background. “Until the middle of the last century, Ilhabela was still one of the main fishing areas in Southern Brazil,” according to a study by researcher Paulo Silva Noffs, who holds a PhD in Human Geography from USP university.
n.l. | 1940s | Photo: Maria Stella Bergo Rodriguez | Private collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Encontro que só algum carnaval nos idos da década de 1970 poderia proporcionar: em frente ao austero tabelionato, um mini-imperador Júlio César divide a calçada com Chacrinha. O ilustre folião de Ilhabela, todo vestido de papel crepom para homenagear o apresentador, é o grande produtor musical brasileiro Zé Nogueira. Vila – Ilhabela | Década de 1970 | Acervo Zé Nogueira

An encounter that only a Carnival in the 1970s could provide: in front of the austere notary office, a mini-emperor Julius Caesar shares the sidewalk with Chacrinha. The distinguished Ilhabela reveler, fully dressed in crepe paper to honor the iconic TV host, is none other than Zé Nogueira, the renowned Brazilian music producer. Vila – Ilhabela | 1970s | Zé Nogueira Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Pelo Morro da Cruz, entre o Perequê e o Itaguaçu, passava uma trilha que se tornou rua. Esse trecho ficou famoso por histórias de acidentes, pois tinha uma curva perigosa antes da reforma de revitalização, realizada nos anos 1980. Morro da Cruz | s.d. | Acervo Família Arruda Volcoff

A trail that once crossed Morro da Cruz, between Perequê and Itaguaçu, eventually became a street. This stretch became known for accident stories due to a dangerous curve that existed before the road improvement project carried out in the 1980s. Morro da Cruz | n.d. | Arruda Volcoff Family Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

A partir de 1942, ainda sem cais para atracar, a travessia do canal passou a ser feita por lanchinhas que, como se dizia à época, “fundeavam ao largo” em frente às praias do Perequê e da Barra Velha, onde passageiros, bagagens e mercadorias eram transferidos para as canoas de voga que os levavam para terra firme. Na foto, a S2, primeira lanchinha a cruzar o canal. Canal de São Sebastião | 1945 | Acervo Eulina de Mello Quinteiro

From 1942, still without a pier to dock, the crossing of the channel started to be done by small motorboats that anchored offshore, in front of the beaches of Perequê and Barra Velha, where passengers, luggage and goods were transferred to wooden canoes that took them ashore. In the picture, the S2, first small motorboat to cross the channel. São Sebastião Channel | 1945 | Eulina de Mello Quinteiro Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

Bidá – também conhecido como nhô Vidal –, representando a si mesmo como vendedor de frutas, com seu habitual cesto, e outros moradores participaram do filme *Caiçara*, produção de estreia da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, gravada em Ilhabela e lançada em 1950. Vila – Ilhabela | Década de 1940 | Acervo Max Rezende

Bidá, also known as nhô Vidal, as himself – a fruit seller with his usual basket –, and other residents participated in the film *Caiçara*, a premiere production of Vera Cruz Film Company, recorded in Ilhabela and released in 1950. Vila – Ilhabela | 1940s | Max Rezende Collection



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

As redes de pesca compunham o cenário da orla da ilha. Elas pegavam diferentes quantidades e variedades de peixe de acordo com seus tamanhos e tipos. Na foto, pescadores puxam o picaré, uma rede de arrasto menor que os arrastões de praia, que podiam ter mais de 200 metros de comprimento e 12 metros de altura, sendo necessário mais que duas pessoas para manejá-los. s. L | 1929 | Foto: Waldemar Belisário | Arquivo Waldemar Belisário

Fishing nets made up the scenery of the island's shore. They caught different amounts and varieties of fish according to their sizes and types. In the photo, fishermen pull the *picaré*, a trawl net smaller than beach trawler nets, which could be more than 200 meters long and 12 meters high, requiring more than two people to handle them. n. L | 1929 | Photo: Waldemar Belisário | Waldemar Belisário Archive



VILLA BELLA - MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DE UMA BELA ILHA
VILLA BELLA - ICONOGRAPHIC MEMORY OF A BEAUTIFUL ISLAND

ILHABELA 1900-1980

[Maristela Colucci, org.] [Textos | Texts Camila Prado] © Grão Editora, 2025



ilhabela_1900_1980_villa_bella

A extensa planície da Praia do Bonete, que favorecia o plantio de cana, e seu caudaloso rio Nema, que propiciava a movimentação de rodas d'água, atraíram colonizadores no século XVII para construir engenhos de produção de açúcar e, posteriormente, de aguardente. Até hoje, há tocas e caminhos abertos por negros fugidos que nos lembram da mão-de-obra escravizada largamente usada nessa região. Praia do Bonete – Ilhabela | 1942 | Acervo Dedé França

The extensive plain of Bonete Beach, which favored the plantation of sugarcane, and its flowing Nema river, that provided the movement of water wheels, attracted settlers in the 17th century to build sugar mills and, later, sugarcane liquor. Even today, there are burrows and paths opened by runaway blacks reminding us of the slave labor widely used in this region. Bonete Beach – Ilhabela | 1942 | Dedé França Collection

Vívidas narrativas

As memórias trazem cores para a história. Trazem ecos quase possíveis de tocar, que não vêm do passado, mas de um outro lugar. Um lugar com cheiro de hoje. Um lugar que faz cada pessoa ser quem é, e não quem foi. A memória passa ao largo do Cronos, do tempo cronológico, medido. Ela é Kairós, o tempo não-linear, marcado com precisão pelos momentos que nos tocam. Mais do que histórias vividas, memórias são histórias vívidas. Capazes de se revelarem como uma fotografia quando traduzidas em narrativas. A memória é aquela que fica. É filha da experiência, não da verdade absoluta. É como aquele cartão-postal que, numa viagem, escolhemos compartilhar, elegendo a imagem de frente e as linhas do verso como emblemas do que se leva daquilo que se viveu num tempo e num lugar.

É com a potência da memória e da oralidade – e num diálogo com a temporalidade dos cartões-postais da primeira parte do livro – que as próximas páginas trazem relatos, causos, lendas, fábulas, poemas em prosa. São palavras escolhidas e recolhidas em mais de 30 entrevistas com pessoas que nos levaram para sua Ilhabela particular.

Ora, se a história oficial não deixa de ser um registro feito por aqueles escolhidos para narrá-la, temos aqui a oportunidade de remontar uma versão mais ampla, que conecta uma coleção de vozes sobre os mil lugares de um lugar.

E assim se seguem os trechos, um bem encadeado no outro, para que você, leitor, possa navegar. É a velha-sempre-nova história do fio da memória. Basta puxar.



Pedro Aydano da Silva nasceu em 1945, em Ilhabela.

Pedrinho

Os ecos da memória

Tinha eco do morro para cá. Agora é tanto telhado, tanta casa, que não tem mais isso.

Quando eu era criança, a gente brincava bem onde é essa estrada Princesa Isabel. Era uma *trilhinha*. Para ir daqui do Perequê para a Barra Velha era difícil. Tinha que atravessar um rio, dois rios. Hoje não... É só comércio, comércio, comércio, comércio até lá. A gente gritava de propósito, só pra ver o som voltar.

Minha família tem procedência da África. Acredita-se que seja do lado do Atlântico. Minha vontade era um dia sair daqui e atravessar o oceano pra ver se encontrava alguém. Nos *sites* de família, *Family Search*, não acho nada a respeito. Minha bisavó, que era Benedita Esperança da Silva, veio sozinha para a Ilha em 1700 e pouco, 1800. Ela veio grávida da minha avó, Eva Esperança. Já estava em fase de proibição de comercialização aqui no porto. Então, os navios negreiros aportavam do outro lado da ilha, nos Castelhanos ou na Praia Vermelha. Lá desembarcavam, já tinha os compradores de escravos, pegavam esse pessoal, levavam para a fazenda deles, tratavam, para depois colocar à venda. Minha bisavó saiu da Praia Vermelha e veio para a Fazenda Cocaia, nesse morro que está aí, o Morro do Espinho. Quando ela ganhou neném, ao mesmo tempo que amamentava a Eva, amamentava o filho do fazendeiro. Minha avó Eva teve muita importância aqui, era parteira e aprendeu esse ofício da minha bisavó, que já fazia isso lá na África. Ela sempre pegava um galhinho de arruda e me dava um benzimento, fazia uma rezinha constantemente.



Anna de Oliveira Cardial nasceu em Santos, em 1934. Esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1938.

Anna

A anciã e seu colo eterno

Meu pai nasceu no sítio Mato Dentro, na Cocaia. Era uma grande fazenda de café, tinha escravos e ele foi tratado por uma babá, uma ama de leite, que era a Dona Benedita Esperança, mãe de Dona Eva Esperança. Ela disse que tinha uma vontade antes de morrer: “Eu só quero morrer depois que eu abraçar o Benjamim”, que era meu pai. Eu me lembro que ela estava sentada no degrau da casa, costurando uma meia num ovo de madeira, sem óculos, sem nada. Fiquei admirada com aquilo. Quando ela viu meu pai entrando no sítio, levantou e saiu correndo, descalça. Ela carregou meu pai no colo e rodou com ele. Meu pai tinha na faixa dos 50 anos, era uma pessoa alta e forte. E ela falou: “Agora eu posso morrer”. Logo depois, ela faleceu, com 102 anos. Isso ficou gravado, não me sai do pensamento nunca mais.



Maximiliano Alberto de Souza Rezende nasceu em São Paulo, em 1951. Esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1958.

Max

Todos somos história

A minha origem é história. Era o que eu queria: saber História, aprender História. E, no fim, dei aula de História da Psicologia, História da Filosofia, História das Ciências. E vai indo. A árvore genealógica, uso como história do Brasil. Todo mundo é história do Brasil.

Meu tio-avô era dono da Barra Velha. E meu pai teve engenho na Barra, conhecia todos os engenheiros. Meu pai frequentou a Ilha perto dos anos 30. Depois, ele vendeu a Barra, comprou a Siriúba e o Arrozal, e vendeu também. Quando meu pai morreu, passei anos numa confusão porque Siriúba, Arrozal e Barra Velha, nada tinha papel.

O que é mais inesquecível pra mim é que, chegando na Ilha, a uns 100 metros da balsa, você via todo o fundo. Milhões de peixes. Tudo lindo. Uma transparência que eu nunca vi até hoje.



Laurinda Maria de Moraes Lúcio nasceu em 1960, na Praia de Castelhanos, em Ilhabela.

Laura Lúcio

Sobre piratas e sesmarias

A gente estava cansado de ser tachado de filho de piratas. Nada contra, são do mar também, né? Mas a gente queria ir a fundo, saber de onde veio, por que pirata? Minha tia ficou fazendo 25 anos de pesquisa. Pelo sobrenome da minha avó, na certidão de nascimento, foi descobrindo nome de pai, nome de avô. Fez um livro, descobriu quem somos, por que somos e por aí foi. Tenho uma árvore genealógica imensa, vem de aproximadamente 1810, se não me engano. Minha avó por parte de mãe contava que a gente era descendente de europeus, vieram da Espanha. Mas minha mãe se chamava Isadaê, que significa “filha do sol”. O pai dela era indígena. E, da parte do meu pai, sou bisneta de escravos. Minha família praticamente fundou esse lugar. Castelhanos era passagem de navios, tanto de contrabando de escravos, como para a travessia de materiais importados. Pela história, Ilhabela era dividida em seis partes, e uma sesmaria era da minha família. Nas primeiras gerações, era cana. Aí já foi ficando só café. Depois, deixou esses dois de lado e foi se transformando mais em roça comum. Eles faziam para subsistência e vendiam para fora porque você não veste roça, não calça roça. Tudo ia e vinha de Santos de canoa de voga.



Canoas de voga São Manoel e Santa Clara.



Arthur Carlos de Freitas nasceu em São Paulo, em 1951. Foi para Ilhabela pela primeira vez aos 11 meses.

Arthur Carlos

Arqueologia caiçara

Trabalhei muitos anos com a gestão arqueológica do Plácido Cali. Em Ilhabela, particularmente, fizemos monitoramento das obras da SABESP em 2007 e 2009. Encontramos um sítio indígena imenso na aldeia Barra Velha e escavamos também na Fazenda Barra Velha, que era da família Rezende, bem ali onde hoje são as cabines da balsa. Lá resultou em várias peças de louça colonial. No sítio indígena, muita cerâmica, aproximadamente 5 a 6 mil peças, cerâmica tipo Jê, que atualmente estão na Fazenda Engenho d'Água. O grupo Jê seriam tipo os Caiapós, Kaingang... Especialmente Kaingang, que tiveram no litoral. Inclusive, foi descoberto que os indígenas da língua Jê tinham aldeias, a aldeia do Viana, a aldeia Barra Velha. Além dos enterramentos, mais nas ilhas Vitória e Búzios, que chamam de sítio concheiro, montes de concha, mas a nível do solo, diferente dos sambaquis, que são monumentais. Os indígenas do sítio concheiro são de 2 mil anos atrás.



Daniel Julião Corrêa nasceu em 1946, no bairro do Portinho, em Ilhabela.

Danielzinho

Vida de gado e de plantação

Os avós, bisavós, meus pais, todos são da Ilha. Nossa família é de 300 anos. Segundo a minha mãe dizia, a origem da avó dela era de naufragos franceses. Acho que quem veio foi minha tataravó. A família do meu pai era de portugueses. A Ilha é composta de muitas raças. Holandeses, franceses, espanhóis, portugueses, negros e indígenas.

Meus irmãos mais velhos e meus tios trabalhavam com meu pai. Faziam roças enormes, milhares de pés de banana, fartura de frutas. E eram unidos. Vendiam para os barcos São Manoel e São Joaquim, que levavam para Santos todo tipo de coisa que se colhia em Ilhabela. Farinha de mandioca, frutas em geral, passarinhos que a gente pegava para vender. E meu pai também tinha

uma quitanda lá na Vila, em frente ao Aracati, quando ainda nem tinha estrada. Nossa casa era na praia e, de sábado e domingo, meu pai colocava a cadeira na areia e cortava o cabelo de todo mundo. Minha mãe foi a parteira de todos nós. Não pesava mais do que 45 quilos, mas tinha uma fertilidade de mente para derrubar animais de 25 arrobas. Era uma pessoa santa, eu acredito. O gado, era só eu e ela que lidávamos. Tirava leite com ela de madrugada, depois eu ia até o trapiche, onde é a balsa, para ir ao colégio em São Sebastião. Carregava o leite comigo para entregar na sorveteria Rocha, que era do lado. Eu atravessava de lancha Santense, que levava até 70 pessoas e tinha parada na Vila, no Perequê e na Barra Velha.



Barbeiro de final de semana.



Vitória Marie Jane Geneviève Bárbara Van Sebroeck Silveira Martins nasceu em 1963, em São Paulo. Chegou à Ilhabela em 1964.

Vitória

A Fazenda da Toca e a força da mata

Meus pais vieram da Bélgica, moravam em Bruxelas. Minha mãe saiu de lá para morar em Mogi das Cruzes, em 1937. Meu pai veio por um plano do governo belga no pós-guerra para incentivar as pessoas a saírem do país e recomeçarem a vida. Em 1957, ele trabalhava num grupo francês e o diretor pediu a ele para vir à Ilhabela para escolher uma propriedade para comprar. Meu pai andou por Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela e acabou conhecendo várias fazendas. Em 1959, com a herança da minha mãe, mais as economias do meu pai, compraram a Fazenda da Toca. Meu pai queria preservar a mata, mas também fazer com que a fazenda fosse produtiva e autossuficiente. Plantou muita banana, muito abacaxi, tinha cana, o engenho funcionando e as coisas fluíam bem. Nós tínhamos 100 mil pés de banana. Hoje se vende muito a ideia que isso

aqui é mata originária, mas não é. Tudo o que não tinha aqui era vegetação. Ilhabela chegou a ter 31 engenhos... Mas não fica menos bonito não ser mata primária. Muito pelo contrário. A mata engoliu tudo. Se ela se refez dessa maneira, que vigor. Que força!



Kenzou Imakawa nasceu em 1916, em São Paulo. Chegou à Ilhabela em 1926. Faleceu em Santos, em 2019.

Kenzou

A saga das salgas

Quando eu cheguei na Praia da Armação, já tinha um começo de salga. Era do tempo do tio Maeda, que iniciou aqui. A esposa dele era irmã da minha mãe. Por causa disso que eles convidaram a gente para vir para cá e meu pai começou a trabalhar. Nós viemos do Mato Grosso. E eles que começaram a fazer serviço de peixe, aquelas coisinhas para japonês. Mandaram vir do Japão uma máquina para moer, secava aquele peixe bem sequinho, desidratava, fazia em pó, fazia pacotinho, mandava pra São Paulo e para o interior, para vender. Não existia geladeira, o pessoal comprava muito peixe salgado. Naquele tempo, a gente progrediu bem. Eu estava com 10 anos e comecei a aprender todas as artimanhas do pescador. Até hoje conheço muito truque de pescaria. Começamos a fazer um serviço simples, de início. Meus tios não tinham experiência, depois eu fui modificando. Comecei a enlatar, consegui registrar a marca, marca Boreal. Tinha bastante aceitação. Eram 5 salgas, contando com a gente. Tudo japonês, na Armação, na Praia do Pinto, na Ponta Azeda. Vinham ver o jeito que a gente trabalhava. Quando eu cheguei, o peixe era contado a cento, de tanto peixe. Não era por quilo. O pessoal dizia: “Eu tenho tantas milhas de peixe”. Era barato. Não tinha comprador, soltavam de volta. O peixe estava na frente da salga, tirava da rede e levava para cortar. Mas daí acabou toda a sardinha e a salga acabou. Acho que sumiu por excesso de pescaria, não tinha controle. Hoje, tem defeso.





Geraldo Julião dos Santos nasceu em 1949, em São Sebastião. Com 29 dias, conheceu Ilhabela.

Geraldo

Uma terra boa

Tem uma história de fertilidade na Ilha. Só sei que quando plantaram fumo, o tabaco era o melhor do Brasil. O açúcar, no período que deu um ciclo no litoral norte, era o melhor de todos. Aí o café entra também, as fazendas também geraram muito excedente aqui. Cachaça, uma das melhores do Brasil. E aqui sempre foi um sinônimo de frutas bonitas. Eu não sou geólogo nem agrônomo para entender. Mas a gente tem isso na memória. Meu avô entra nessa história como um comerciante, produtor de cachaça. Ele construiu aqui na própria praia, hoje Praia do Julião, um engenho que lhe deu fama. “Leite e Irmãos” foi uma cachaça muito apreciada, a pura e suas vertentes misturadas, como o cidrão, uma pinga azulada muito conhecida. A fabricação foi até por volta de 1975. Tenho bastante lembrança, não de ouvir falar. Eu entrava lá e sentia um cheiro bom de madeira e cachaça. E tinha o lado da brincadeira. As crianças ajudavam a limpar os litros da cachaça. Com uma areia grossa e numa bica de água corrente, a gente tinha que chacoalhar a garrafa bastante. Meus irmãos mais velhos iam na roda do engenho quando estava sem produção, pisavam nela e faziam ela rodar sem a devida água. Então ficavam fazendo giros, como uma roda gigante.



Benedita Costa nasceu em 1945, na Ilha da Vitória, em Ilhabela.

Dita

Vitoriosa Dona Dita

A ponte que a gente chegava de barco na Vitória, tinha que saltar. Era de tábua, a gente pisava e balançava, ia para lá e para cá. Eu passei muita coisa. Desde criança trabalhando, comecei com 12 anos. Com meu pai doente, eu que fazia tudo com a minha mãe. Tirava mandioca da roça, atravessava com o saco nas costas. E era longe, alto, para subir com carga. Raspava, virava a roda. Também plantava batata, milho, tinha que fazer a farinha, matar o peixe, cozinhar na água e sal. Tudo para comer, porque naquele tempo não era que nem é agora. E quando tinha alguma doença, era remédio de mato, cozinha o chá do poejo, o de erva-doce, erva baleeira. A baleeira tira a infecção toda por dentro da gente.



Antonio Sacramento de Almeida nasceu em 1935, no bairro de Furnas, em Ilhabela.

Antonio Alemão

Era peixe no café, almoço e janta

Nasci onde eu moro, só que a casa era de taipa, pau a pique. Depois que eu fiz essa casa. O nosso sustento era peixe com banana verde, aquele prato típico “Azul-marinho”. E a farinha de mandioca, eu fazia aqui com meu pai, era “a feijão”, tinha que comer muito porque era no muque! Aí fazia aquele pirão. Comia na janta, no almoço, no café. Era assim. E o café, nós nunca tomamos de açúcar. Era do caldo de cana. O café, tinha muito aqui na Ilha. Do Perequê, Engenho d’Água, daquele bairro até São Pedro, tudo era só café. Café e abacate. A primeira exportação de café para o exterior saiu da Ilhabela. E abacate, era muita plantação. Mas meu pai me ensinou tudo. A trabalhar na roça, a pescar. Só não me ensinou a ler. Minha mãe sabia muito, me ensinava alguma coisa, uma professora também. Mas você chupa a cana e vai assobiar, não dá! O que eu aprendia de manhã, esquecia de noite, porque era a noite inteira até de manhã trabalhando na pescaria.



José Francisco dos Santos nasceu em 1967, em São Sebastião. Em seguida, foi para Ilhabela.

Bicudo

A salvação da troca

Meu pai, Maneco Ribeiro, era do Portinho, família de ex-escravizados. E minha mãe, Dona Durvalina, conhecida como Moça, era da Praia Grande, branca de olhos claros. Somos em 9 irmãos e fui conhecer meu pai mesmo só com 9 anos porque era comum trabalhar embarcado. Só depois que ele ficou mais aqui, virou mestre da lancha que levava o prático pra manobrar o navio e também piloto de balsa. Ele era muito de mar. Uma coisa interessante que acontecia aqui na pesca era o dono do barco e da rede, que tinha tudo, chamar o pessoal para ajudar. Juntava uns 20 na pescaria. Depois, dividia tudo em três partes, que chamava quinhão. O seu Formoso, do Portinho, fazia muito isso. Depois, ficava um balaio pra ele e outros dois para o pessoal, só que o dono da rede também participava dessa parte. Aí tinha peixe para todo mundo. Também tinha troca para usar as casas de farinha. Não era todo mundo que tinha. Era comum pedir: “Ah, compadre, você empresta seu tráfico para fazer a farinha?”. Em troca, o outro dava mão-de-obra para ajudar a plantar, carregar os sacos. Tinha um negócio de ir para Santos trocar mercadoria. Levava farinha, banana e voltava com arroz, carne-seca. Aqui não existia comércio, loja, tudo vinha de Santos. Minha mãe contava que, quando era criança, quem tinha sapato era rico. Uma família para os lados da Praia Grande tinha um par de 752 da Vulcabrás que emprestava para todo mundo. Servia pra casamento, velório e batizado. De tempos em tempos, aparecia aqui o Zé da Lona, quando eu era menino. Vendia de tudo no caminhãozinho dele. Roupa, fruta, aquele pirulito grandão que a gente ficava comendo o dia todo. Também vinha o fotógrafo. Uma vez, foi em casa para fazer meu retrato. Eu devia ter uns 5, 6 anos. Montou um tripé e entrou debaixo daquele pano. Quando ele acionou a máquina e subiu aquela fumaça, eu saí correndo, apavorado. Tropecei no tripé. Era um equipamento muito caro! O fotógrafo caiu no chão e o tripé em cima dele. No final, essa foto minha nunca saiu e meu pai queria me esganar.



Edmundo Pelizzari Filho nasceu em São Paulo, em 1960. Esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1976.

Eddie

A arte não tem preço

Sou sobrinho-neto de Celina Pelizzari, companheira de Waldemar Belisário. Minha tia-avó era cantora lírica e professora de música. Em 1930, eles foram morar em Castelhanos. Imagina como era lá. Tem fotos dele e da minha tia-avó a cavalo. Mas, na verdade, eu nem sabia da existência do meu tio-avô. Porque a família nunca falava dele para mim. Só fui saber dele quando teve a exposição no MASP. Aí eu o adorei e comecei a ir para Ilhabela, já era a casa no Perequê. Eu com 15, 16 anos, era todo um descortinar de uma nova visão de mundo. Eu ficava fascinado porque ele era multi-instrumentista, multiduto, tinha livros interessantes, objetos da época da escravidão que ele tinha achado, louças do naufrágio do Príncipe de Astúrias, numa parede tinha os vários instrumentos que ele tocava, violino, viola... Era diferente ver um senhor de idade que levava uma vida meio *hippie*. Naquela casinha de madeira. Ele vivia de troca. Pelo menos durante um tempo. Contava que trocou um quadro por um saco de batata, outro por uma vara de pescar, depois trocou a vara por outra coisa. Comprou um pedaço de praia, aí trocou por um fusca, depois trocou o fusca. Trocava quando surgia a necessidade. O que ele passou para mim foi que em Ilhabela ele encontrou a paz.



Casa e ateliê de Waldemar Belisário.



Helena dos Santos Carvalho nasceu em 1931, no bairro do Itaquanduba, em Ilhabela.

Helena

Desenhando a vida

Conheci meu marido Antônio na plantação de alho do Engenho d'Água. Os japoneses tinham arrendado, mas tiveram que ir embora, não podiam ficar no Brasil. Como meu marido era afilhado do dono da fazenda, que morava em São Sebastião, ele foi cuidar da plantação. Um monte de gente foi chamada para colher e fazer trança de alho. E minha mãe foi trabalhar lá. Eu saía da escola e ia para lá. E ele conversava comigo enquanto a minha mãe estava tratando o alho. Começou a me mostrar o desenho dele. Ele gostava muito de desenhar e foi me ensinando. Depois, ia em casa para comprar ovos, mas já começou com essa ida de comprar ovos para me ver. Ele se apaixonou por mim. Por causa dessa história de desenho, ele acabou conhecendo o pintor Waldemar Belisário. E tornou-se um pintor também. Ele ajudou a pintar o teto da Igreja Matriz. Na época, eu já era casada, ia levar marmitta para ele lá.



Dona Helena com foto do marido e Toninho no colo.



Eulina de Mello Quinteiro nasceu em 1928, no Guarujá. Foi pequena para Ilhabela.

Eulina

Coisa de cinema

Em 1952, fui a primeira funcionária da Câmara. Fui para lá como secretária-arquivista. Eu comprei o método *Remington*, aprendi datilografia sozinha e batia com os 10 dedos sem olhar o teclado. Aprendi bem. Mas acontece que não tinha ninguém. E eu fazia tudo, fazia a ata, batia os ofícios, requerimento, indicação, moção... Fazia parecer para a comissão de justiça, legislação, redação, todas as três comissões, porque os vereadores não faziam, eles vinham pedir para mim. Então eu fazia tudo de todos. Eu me aposentei antes dos 30 anos, acumulei férias porque não tinha quem me cobrisse. Eu tirei as primeiras, depois não tirei mais. Uma vez, me chamaram para fazer uma pontinha no filme *Caiçara*, que vieram filmar aqui. O Geraldo fez uma cena comigo, como se a gente estivesse namorando. Queriam que a gente desse um beijo. Mas eu não quis. Só estava sentadinha ali. A turma dava risada na praia e fazia palhaçada para a gente rir. Foi uma movimentação aqui.



Benedito de Oliveira Dória nasceu em 1951, no bairro do Portinho, em Ilhabela.

Dito Dória

Berrante da tainha

Sou caiçara nato, neto de escravo. Não tínhamos estrada, não tinha nada aqui. Com 13 anos, tinha que trabalhar para ajudar na alimentação em casa. Fui estudando, trabalhando e entrei na Petrobras, no Terminal Marítimo Almirante Barroso, como auxiliar de convés. Fui subindo a escala até chegar a comandante do rebocador. Viajei para toda a costa brasileira. Lembro que, quando criança, depois das aulas, nós íamos ali para praia do Portinho, tinha um rio que desaguava na praia, que não tem mais, e a gente ficava brincando. No finalzinho da tarde, era a coisa mais gostosa, a hora que o pessoal antigo tocava o berrante, chamando as pessoas para puxar a rede na praia. Então, quem estava na roça saía correndo para ajudar. Era aquele monte de peixe, nada

vendido, tudo dividido entre as famílias locais. A gente também gostava de jogar bola no campo do Portinho. Tinha vários times de futebol. Fazíamos um campeonatozinho. O primeiro campo que tinha aqui não era nivelado, tinha uma subida. Quem jogava o primeiro tempo para cima, depois jogava para baixo. Era melhor jogar o primeiro tempo de baixo para cima. Senão, no segundo tempo, vinha tudo para cima de você!



Onivaldo de Jesus nasceu em 1953, no bairro de Borrifos, em Ilhabela.

Nivaldo

Reza para desmanchar tempestade

Apreendi com meu pai: se estou no mar e vejo uma trovoada e aquela nuvem preta subindo, corro rápido porque o vento vem numa velocidade que não dá tempo de nada. Isso sabemos dos antigos, que viajavam pelo tempo, pela lua. Eu tinha um tio, Calafate, que sabia desmanchar tempestade. Quando vinham os relâmpagos e ameaçava aquele tempo, ele ia na beira do morro. Lembro dele em pé, ficava benzendo, fazendo uma oração. Aquela tempestade, que estava vindo para acabar com tudo, ia se desmanchando. Clareava o tempo. Ele era analfabeto, mas ensinava muita erva, muito remédio e sabia muita reza. Naquele tempo, que não tinha aparelhagem nas embarcações, acontecia muita coisa. Lembro de um barco afundado de nome Ucrânia. Era um barco pesqueiro. Com a cerração, bateu na pedra. Meu primo, que se chamava Brás, escutou os gritos de madrugada, ele morava perto da pedra. Viu a iluminação, viu que era um barco e correu. Pegou uma corda, amarrou numa árvore e jogou para o pessoal do barco, que estava se quebrando. Salvou 20 pessoas. Só morreu um. Eu tinha 9 anos, lembro bem disso. Aí ele foi chamado à Capitania dos Portos para escolher o que ele queria da vida dele, que emprego queria. Em São Sebastião, tinha Petrobras e balsa. Ele escolheu balsa. Esse cara tinha um nome muito bom aqui na Ilhabela, foi um verdadeiro herói.



Hélio Reale nasceu em 1924, na Vila, em Ilhabela.

Hélio

O padre do vento

Meu pai veio da Itália direto para a Ilhabela porque o tio dele era pároco aqui, Padre Pascoal Reale. Ele veio pequeno e aqui ficou, aqui casou e aqui morreu. Minha mãe era santista. Mudamos para Castelhanos em 32, na época da Revolução. Ficamos 8 anos. Nós tínhamos plantação lá, cana, banana. E um engenho de pinga. A “Favorita” saía de barco e era vendida para Santos.

Tem a história do “vento do padre”, que era desse tio do meu pai. Quando ia nos lugares, o padre tinha que ir sempre de canoa. Tinha os remadores empregados dele, que levavam para um lado e para o outro. E esse vento forte virou a canoa aqui na praia. Quase que morreu afogado. E, por isso, ficou o vento do padre. Era um ventão que caía aqui por cima. Ele não morreu por causa da batina que ficou boiando. Ficou famoso, o vento do padre.



Maria José Fazzini Cardial nasceu em 1928, em Ilhabela, onde também faleceu, em 2023.

Dedeca

Carteiros navegantes, caixas voadoras e caixeiros-viajantes

Eu nasci onde hoje é a biblioteca. Era um casarão grande, foi a escola Gabriel dos Santos, primeiro Grupo Escolar de Ilhabela. Quando chegou a luz, eu não existia ainda, porque a luz veio aqui para a Ilha em 1922. Mas essa luz era só na Vila. Para entregar cartas, era um homem só, que ia daqui para São Sebastião a remo. O carteiro levava tudo num saquinho, punha nas costas e saía 3 horas da tarde para atravessar o canal. Era coragem. Às vezes, as encomendas também vinham de avião, com meu primo Mário França. Ele descia sempre onde era o campo de aviação e tinha que tirar o gado para ele pousar. Mas, antes de vir, ele avisava que ia jogar a encomenda em tal lugar. Chegava naquele determinado local e ele jogava uma caixa toda embrulhadinha. Quem também trazia mercadorias para cá eram os caixeiros-viajantes. Vinham com aqueles malões nas costas, de

porta em porta, vendendo. Cada um comprava o seu tecido e tinha as costureiras que faziam as roupas para irmos aos bailes. Não vai pensar que entrava qualquer um, assim, de pé no chão, arrasando o sapato, nada disso. Ninguém entrava lá sem paletó, sem gravata. Todo mundo arrumadinho.



Benedita Cristina do Vale Pombo nasceu em 1928, na Praia do Curral, em Ilhabela.

Doquinha

Das alegrias e das folias

A Folia era uma coisa maravilhosa. Quando avisavam: “olha, vai ter a Folia do Espírito Santo”, cada casa se preparava. Quem tinha que fazer farinha, fazia antes que a Folia começasse. Ela começava lá no Taubaté e vinha vindo, cada dia ficando num bairro. Na semana que a Folia estivesse ali, ninguém ia na roça. E a gente acompanhava a Folia, sabe? À noite, tinha uma procissão que saía da casa em que a Folia ia pousar para a capela. E cantavam, sempre coisas religiosas. Depois, voltavam para a casa de pouso, guardavam a bandeira no cantinho e começava o forrozinho até às onze, meia-noite porque, no dia seguinte, eles tinham que ir cantando de casa em casa. Era uma delícia, esse folclore. Tinha também o Bate-pé, que era outro folclore da Ilha. Dançava com aquele tamancão de madeira, pesado, para fazer barulho no assoalho. Era uma dança antiga, mais dos idosos, tanto homem como mulher. A moçada ia assistir. A gente gostava de ir para ver aquelas senhoras de vestidinho, tudo de idade, assim, dançando. Elas só rodopiavam e eles batiam, mas era um batimento de pé ritmado. Geralmente, era nas casas que tinham aquelas tábuas grandes.



Folia de Reis: cantando e esperando a porta ser aberta.



Stella Maris dos Santos nasceu em 1960, em Caraguatatuba. Foi em seguida para Ilhabela.

Stella

Congada: festa sagrada

A origem da minha mãe é do Saco do Sombrio. São descendentes de portugueses, acredito, porque o sobrenome da minha mãe leva Fontes e Siqueira. O meu pai é do Engenho d'Água, minha avó vem de ex-escravizados. Meu pai era um devoto muito grande de São Benedito, uma tradição que vinha dos pais dele. Nunca saiu mulambento para a Congada. Ninguém, ninguém dançou o último baile melhor que ele. Quando ele levantava a espada para o último baile e vinha dançando sozinho, parecia que abria. Era um raio de gente olhar. O que será que Zé de Alício vai fazer? Ele tirava a espada e ela brilhava. Não só ele brilhava, brilhava aquilo que ele gritava, toda a pauta que ele tinha decorado, não era esquecida uma letra. Era muito lindo. Quando ele sorria, tinha uns dentes muito branquinhos. Parecia que ele estava sorrindo com a alma. A Congada ainda existe porque muitas daquelas pessoas que estão ali carregam uma tradição de família. E o guardar história foi uma coisa que eu sempre aprendi, que é através dela que eu me conheço.



Zé de Alício na Congada.



Pedro Aydano da Silva nasceu em 1945, em Ilhabela.

Pedrinho

A Ucharia e a ponte com a ancestralidade

O meu bisavô foi o primeiro rei da Congada. E o meu pai foi o último rei da família. Minha bisavó Benedita passou todos os conhecimentos da Ucharia para minha avó Eva e minha tia Izanil. Elas seguiram esse caminho. Essa parte de Congada antiga foi tudo originária da minha família. Hoje, quem está comandando essa parte de Ucharia é a Isaura, filha de Izanil. Ucharia, pela linguagem dos escravos, significa “despensa do rei”, é onde os alimentos são feitos e distribuídos para a família e os amigos dos reis. E essa tradição continua até hoje, quem participa, come, e os visitantes também. É uma festa comunitária, toda gratuita. Quando termina, sentimos que é uma etapa cumprida, a ponte com a ancestralidade está feita.



Equipe da Ucharia em plena ação.



Luís Octávio Lopes Corrêa nasceu em 1946, em São Paulo. Foi para Ilhabela aos 6 meses.

Tato

Álbum de família

Tive convivência total com meus tios. A vovó Druziana era uma aglutinadora da família. Com tio Anjolino, foi a maior experiência de pesca. Ele ficava em pé na frente da canoa. As tainhas vinham e punham a ova no riozinho da Vila. Só quando elas estavam já voltando para o mar sem as ovas, ele jogava a fiska em cima. Preservava a natureza perfeitamente. Tio Ary, catedrático de Geografia Humana, fez o doutoramento na USP e o tema foi a Ilha de São Sebastião. Isso talvez em 1946, 1948. Ele montava excursões com a gente, tinha um barquinho e nos levava para acampar em praias na Ilha. Tio Mário também tinha muito dessas aventuras com a gente. Ele era da aeronáutica, fez o campo de aviação. E ajudou o tio Ari a fazer a aerofotografia da Ilha todinha. Lembro do tio Ari vendo aquilo em 3D, você tirava duas fotografias, uma muito próxima da outra e usava uma lente que juntava as duas. Tio Mário levava a gente para dar voo, fazer acrobacia, dava rasantes impressionantes. Era uma loucura. Isso tudo antes da balsa. Eu devia ter uns 8 anos. A mamãe, Iracema França, Dona Dedé, vinha para cá todas as férias. Vinha de Santos, de navio. Meu pai e ela se estabeleceram mesmo aqui logo que ela se aposentou, aos 45 anos. O amor dela por Ilhabela era tão grande que ela foi criando coisas. Foi colecionando as falas da Congada, gravando as músicas, os sons e concluiu um livro, que é *A Congada de Ilhabela na Festa de São Benedito*. Ela sempre teve essa garra.



Ary França e seu tio Anjolino proseando.

Rei Neco, pai de Pedrinho.



Gilmará Gomes Pinna nasceu em 1961, na Vila, em Ilhabela.

Gilmará

Jagatiricas aquáticas e caiapós mascarados

Minha mãe nasceu na Armação e meu pai, na Vila. Todos caiçarás. Nasci na rua Washington Luiz, na casa de número 17, uma das primeiras da Vila. Meu pai tinha um apelido, velho Gico, e também bichão. Era escriturário, jornalista correspondente do *Diário de São Paulo* aqui no litoral e, durante muitos anos, foi juiz de paz. Fez muito casamento do outro lado da ilha e contava que as jagatiricas iam acompanhando a canoa de voga! Porque ali também tinha peixe seco, banana, farinha, e as crianças iam jogando essas coisas no mar. O canoeiro ia batendo o remo para assustar, porque às vezes as onças ficavam violentas para pegar comida. Casamentos na Armação, no Portinho, também eram uma viagem. A estrada acabava no Perequê. Era uma picadinha. E meu pai se vestia todo de terno de linho branco, de chapéu, quando ia fazer casamento. Minha mãe atravessava com ele nas costas o rio da Barra Velha, que era enorme, para ele não se sujar. Que ousadia do meu pai!

Eu acho que uma das coisas mais importantes, que representava muito a Ilhabela, era o Caiapó. A família do Caiapó morava no Saco da Capela, eram descendentes dos indígenas mesmo. Dona Dedé foi quem teve a força magnífica de não deixar nossa cultura morrer. E eles voltaram aos carnavais. Uma semana antes, todo mundo saía com eles nas ruas. Todos mascarados. Meus irmãos iam. Uma máscara mais aterrorizante do que a outra. Batiam nas portas para avisar que vinha o Carnaval, que o negócio ia ferver. E aí tinha o Caiapó que saía na avenida, na sexta-feira, com as danças e os ritos.



Uma das assombrosas máscaras do Caiapó.



Anna de Oliveira Cardial nasceu em Santos, em 1934. Esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1938.

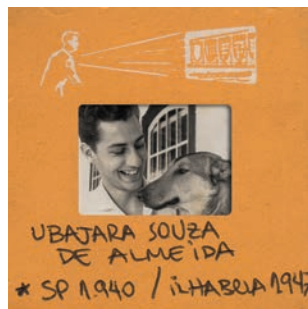
Anna

O grande teatro da Dorotéia

Foi a família Cardial que começou com o Banho da Dorotéia em Ilhabela. Acho que pelo meu marido Delcídes ter apreciado o de lá de Santos, ele teve a ideia de fazer na Ilha. O Banho da Dorotéia era tudo para ele. Começou a brincadeira ele e um primo, Moacir Seixas. Delcídes era o nenê sentado no carrinho e a babá era esse primo. As pessoas iam gritando atrás, brincando. Depois foram aparecendo outros banhos, foi aprimorando, e tornou-se um teatro espetacular. Os turistas que vinham de São Paulo passar o Carnaval faziam questão de entrar no Banho da Dorotéia. Tinha o bloco da padaria, a minha sogra Cristina tinha padaria na esquina. E tudo era feito num galpão daquele terreno. A família inteira trabalhava nessas fantasias. Eu era solteira quando saiu o primeiro Banho da Dorotéia, na década de 50.



Ubajara no Banho da Dorotéia.



Ubajara Souza de Almeida nasceu em 1940, em São Paulo. Esteve em Ilhabela pela primeira vez em 1947.

Bajara

Ilha da fantasia

Minha mãe trouxe um irmão meu para conhecer São Sebastião, aí viu a Feiticeira, achou bonita e resolveu comprar. Feiticeira era apelido, a fazenda se chama São Matias. Era tombada pelo patrimônio da União. Aí meu pai, devagarinho, para poder reformar, destombou e foram 10 anos para reformar. Meu pai reativou o engenho para fabricar pinga. Eu fazia também. Era o processo todo de moer, destilar, engarrafar a “Feiticeira”. Eu vim ficar de vez em 1960, era professor primário aqui. Morei sozinho naquele casarão de 2 mil m². No começo, era bem tétrico. A turma dizia que tinha fantasma andando ainda. Do meu quarto para o banheiro, eu tinha que andar 46 metros, com um lampiãozinho na mão. Mas uma casa feita com materiais tão antigos tinha um monte de barulhos de noite. Daí, mais ou menos em 80, montei um bar todo mediterrâneo, que fez um sucesso monstro. Frequentavam artistas de cinema, até o Roberto Carlos veio. Era uma diversão. Tinha também o Banho da Dorotéia. Inventaram o Bloco Inocentes do Bajara para participar. Juntaram umas 200 pessoas. Todo mundo com fantasia de papel crepom, dava a volta no quarteirão, que era o máximo que a gente aguentava e pulava no mar lá no pontão. Conforme íamos pulando, ia ficando uma mancha no mar. Vermelha, azul, verde... Era a ilha da fantasia mesmo!



O Bar Jara, na Vila: ares mediterrâneos em plena Mata Atlântica.



Rosa Maria Rodriguez Coelho nasceu em 1945, em São Paulo e esteve em Ilhabela pela primeira vez no mesmo ano.

Coca

Fábulas insulares

Estive pela primeira vez em Ilhabela aos três meses. Eu era uma criança forte e meus pais quiseram ir. Já tinham o meu irmão, tinham saudade da praia... Foi uma viagem bem longa porque, em São Paulo, eles pegavam o trem, o Mogiana. Iam até São José. De lá, desciam numa jardineira. Chegando em São Sebastião, a gente pedia para um barco de pesca atravessar a gente. Isso foi até eu fazer uns 8 anos, até ter a lanchinha da carreira, a S7, que levava as pessoas.

Junto com os caiçaras, a gente fazia o seguinte: ia de canoa pegar pregoaí, que é um caramujo alaranjado, quase um *escargot*, que saía depois da trovoada. A gente mergulhava sem máscara para pegar e enchia uma canoa desse marisco.

Uma coisa que acompanhou a gente durante muito tempo foram as histórias fantásticas de Ilhabela. Muitas de senhoras e de meninas de engenho. Contavam que uma dessas meninas ficou muito tuberculosa e queria muito ver o mar antes de morrer. E morreu na praia, na frente do Engenho d'Água. É a história da Brisabele. E tinha de outros engenhos. Depois, viemos saber mais da Feiticeira, que ainda tinha um arrastar de correntes que se ouvia à noite. O Zezé, meu irmão, uma vez foi dormir lá porque era muito amigo do Ubajara. E ele disse que ouvia mesmo uns barulhos. Eram as místicas caiçaras. Contavam que, se existisse o pecado no meio dos caiçaras, a pedra do Baepi podia cair. E cair por cima de todos. Como se o Baepi fosse um grande olho que dominava toda a cena da Vila e podia castigar as pessoas.



Maria Cláudia França Nogueira nasceu em 1956, em São Paulo e esteve em Ilhabela pela primeira vez em 1958.

Crau da Ilha

A gente precisa ver o luar

Consta que eu teria vindo para cá antes do *ferryboat*. A gente ficava ali no Saco do Indaiá, na casa da minha prima. O passeio era ir até a Pedra do Sino a pé. Meu pai comprou a casa no Perequê em 65, uma casa antiga, onde nasceu meu tio-avô Anjolino. Aí, o passeio era ir até a Vila. Era muita liberdade. A gente voltava até o Perequê de noite. Quando chegava ali no Engenho d'Água, não tinha iluminação pública e a gente se guiava com a luz do luar. Acho que a lua é o que faz mais falta hoje em dia, porque a gente não vê mais como a gente via. Em noite de luar, a gente saía, ficava na praia ou no jardim, tocando violão. Só com a luz da lua todo mundo se enxergava. E nada era pavimentado. Você chegava ali na balsa, entrando para aquela região que hoje é o hospital, era um charco de taboa. Ali não era uma rotatória, era uma bifurcação. Ou você ia para o sul, ou ia para o norte. Se você virava para a esquerda, para o norte, era só floresta, floresta, floresta. Passava o rio, e era mais floresta. Não havia casa naquele trecho. Até 80, não tinha muro nessa ilha. Só cerca- viva. A gente tinha uma ligação muito irmã com o povo daqui. Era mais ou menos como se fossem os primos da gente. Estavam nos mesmos lugares que a gente, vendo as mesmas coisas. Eles tinham o outro universo deles e a gente tinha o outro nosso também. Mas aqui a gente tinha um universo comum muito forte. A gente pulava do trapiche, montava cavalo em pelo, descia a cachoeira montado na prancha de isopor. Tinha os cachorros que a gente adotava, eram sem dono, eram de todo mundo, eram como se fossem outras pessoas.



Os cães eram de todo mundo e de ninguém.



Júlio Eduardo Gentil Croce nasceu em 1954, em São Paulo. A primeira vez que esteve em Ilhabela foi em 1959.

Julinho

Rituais de praxe

Vim pela primeira vez para Ilhabela com o tio Luiz, atrás de uma kombi. O ritual era esse: a gente acordava e ia pescar com os caiçaras que iam de canoa até o meio do canal. A gente pescava muita sororoca. Era um peixe muito fácil de pegar e era bom. Aí nadava com a criançada, gostava de ir na cachoeira. Pegava a bicicleta, jogava ela em cima da lanchinha, que era uma coisa fantástica, descia no Perequê, depois tirava a bicicleta e seguia em frente. Às vezes, a gente subia até a cachoeira da Toca, parava no caminho, tinha o Poço da Jaqueira, tomava um banho de água doce lá. Sempre estávamos também ali na Barraca do Samba, que era um botequinho mesmo. Tinha lá o gari, que de repente chegava, encostava as coisas dele lá e já pegava o bandolim. Uma pessoa muito marcante foi Pedrinho do Pandeiro. Ele cantava, tocava o pandeiro dele, aglutinava a gente e a alegria era geral. Até Paulo Vanzolini veio aí, deu a volta por cima. Quando via, a coisa já virava uma festa. E, na frente, era a delegacia, o fórum, a cadeia. Tudo acontecia ali.



Pedrinho do pandeiro e sua turma na Barraca do Samba.



Sérgio Pereira Croce nasceu em 1954, em São Paulo e esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1956. Faleceu em 2023, em São Paulo.

Sergião

A jornada para o paraíso

Os preparativos começavam uma semana antes. Lembro bem da gente descendo na kombi lotada até a tampa. Os quatro filhos, papai, mamãe. A Dutra era uma pista dupla. Ali, um pouquinho depois de São José dos Campos, era terra. A serra era de terra, uma coisa bastante complicada, ainda mais se estivesse molhado. Paraibuna praticamente não existia. Em Caraguatatuba, era o retão, um lugar de medo, um breu, um matagal. A gente saía com o dia amanhecendo em São Paulo e chegava com o dia entardecendo em São Sebastião. Lá, meu pai ia no povoadinho e batia na janela de um sujeito chamado Zé Leite. Ele tinha uma baleeira. A gente parava no cais, enchia o barco com tudo, atravessava, encostava na areia e descarregava tudo ali. Logo depois veio a balsa, acho que em 1958. O terreno que meu pai comprou é no Saco da Capela, no antigo campo de aviação. Tinha um barracão, que era mais barracão do que casa. Não tinha eletricidade, não tinha água encanada, não tinha nada. Meu pai era um sujeito corajoso, mas proporcionava isso para a família dele. Aqui a gente passava férias de janeiro, fevereiro, março. Só depois do Carnaval é que acabavam as férias de verão. A gente virava bicho aqui na Ilhabela.



Os Croce e sua Kombi, companheira do périplo de São Paulo a Ilhabela.



Beatriz Pereira Croce nasceu em 1957, em São Paulo. Frequenta Ilhabela desde pequena.

Bia

E a luz se fez

Nossa casa era do lado do campo de aviação, no Engenho d'Água. Quando chegava um avião, ele fazia um sobrevoo antes de descer e o gado e os cavalos que pastavam lá precisavam ser tocados dali. Eu era pequena, mas minhas irmãs iam fazer isso, junto com os caiçaras. Minha mãe contou que uma vez, bem no meio da madrugada, eles acordaram e escutaram barulho de avião. Não tinha luz, não tinha nada na Ilhabela. Como é que esse avião podia saber que tinha um campo ali? Minha mãe e meu pai pegaram um lampião cada, cada um foi numa ponta, acenaram e o avião desceu. Essa foi uma história que nunca mais esqueço. Uma vez também a gente acordou e os pescadores estavam na praia, Joaquim, Maneco Félix. O mar cheio de coisa boiando, aquele mar lisinho. Eram muitas caixas boiando. Foi um tal de pegar a canoa e ir atrás do que que era. Meu pai se animou também. Quando chegaram na praia, viram que era caixa de perfume francês. Tinham umas caixinhas, eram uns perfuminhos, parecia amostra grátis, pequeninhos, tudo embaladinho. Dali um tempo, disseram que os boneteiros tinham muito perfume francês estocado. Fomos para lá com a Maricota, um barco antigo de alumínio que acabou ficando com meu pai. Foi a tarde do perfume francês. Ficamos muito cheirosos. E demos muito de presente também.



Os primórdios do Campo de Aviação.



Jorge Alejandro Beraldo Bandeira nasceu em 1936, em Montevideú, no Uruguai. Chegou em Ilhabela em 1974.

Jorge

Verão da lata

Uruguai é um lugar plano, não tem a topografia que tem o Brasil. E isso foi uma coisa maravilhosa, a presença da Ilha para mim era algo muito incomum. Quando me aposentei, vim morar aqui. A Dutra era um enfrentamento. Mas aqui você podia ouvir um tucano, um sabiá. Os caminhos eram de cascalho e as pontes, de madeira. E só tinha o Max, no Perequê. Depois, tinha o Hotel Mercedes no norte e não sei se o Colonial para o sul. Mas o centro da Ilha era o Max. Lá, a gente se reunia, todo mundo se conhecia. Não tinha mesas individuais. Tinha uma mesa grande, onde se sentava toda a gente. Um dia, chegando na Ilha, percebemos que tinha uma chama. Era o Max pegando fogo. Todo mundo que viu foi ajudar. Conseguimos tirar algumas coisas da loja da esposa dele, que era junto. Ela vendia ali artesanato local muito bom, gastei muito dinheiro ali! Depois, reformaram o restaurante, mas não era a mesma coisa...

Teve o verão da lata, que foi uma coisa assim incrível. Uma quantidade enorme de latas que tinham maconha ficou flutuando. Acho que jogaram no mar para evitar serem detidos. E aquilo começou a chegar na praia da Ilha. Quando o pessoal ficou sabendo o que era, começou a correr. E era engraçado porque o cara vinha, fazia um buraco, marcava onde escondeu, enterrava a lata, tapava e saía. Parecia um formigueiro! Tem uma anedota do pescador estar levantando as latas e colocando no bote, a patrulha marítima ameaçando que ia metralhar, dando ordem para que parasse. O cara nem ligava e continuava botando lata. Foi muito divertido. Durante um bom tempo, se fumou maconha de graça. E as latas pareciam aquela lata grande, de leite *Ninho*.



Maria Tereza Braga de Arruda nasceu em 1947, em São Paulo. A primeira vez que esteve em Ilhabela foi em 1960.

Tereza

Ilhabela era nosso quintal

Tinha um chapéu-de-sol na Siriúba e a gente acampou lá umas três ou quatro vezes antes de alugar uma casa para começar a vir para cá mais vezes. Viemos em família. Daí, a gente alugou uma casa. E depois a gente comprou uma casinha lá no Saco da Capela, que era de gente daqui e tinha mudado para Santos. A gente vinha todo fim de semana, tanto que todo mundo repetiu na escola naquele ano. A gente nem pensava que era longe, nem cansava. Era absolutamente delicioso. Ilhabela era fantástica, parecia o quintal da nossa casa. Tinha uma turminha de 20 pessoas, eu acho. De turistas. Eram poucas as pessoas que vinham e, em geral, de São Paulo. Cada dia a gente se juntava na casa de um. Era liberdade total aqui. Íamos a pé para a cachoeira da Toca. Tinha muito borrachudo e cada um levava o seu óleo. Era óleo de cozinha. Minha mãe tinha uma kombi, enchia de gente dessa turma e íamos ver o luar no Cambaraú. Era um lugar lindo, que agora tem um píer, mas não tinha nada lá. Era o fim da estrada. A gente também ia ouvir histórias de fantasma na Feiticeira. A mãe do Ubajara, que morava na fazenda, contava no campanário que tinha lá. Ela contava coisas terríveis de coisas que apareciam! À noite, a gente sempre podia ficar até tarde na rua. O grande programa era comer pão na padaria de madrugada. Primeira fornada, nós já estávamos lá. A padaria era no Morro da Cruz, era do dono da Fazenda da Toca. O Bar do Genésio também existia, acho que desde a primeira vez que a gente veio. E a empadinha sempre foi ótima.



Maria Cristina Braga de Arruda nasceu em 1946, em São Paulo. Esteve pela primeira vez em Ilhabela em 1960.

Cristina

O dono da bananeira

Tinha o farmacêutico que era o “hospital” daqui: você chegava lá e estava cheio de gente do outro lado da ilha para comprar remédio. Era numa casa super antiga. Tinha um quitandeiro que era quitandeiro e dentista nas horas vagas. O dia que a Dona Dedeca estava fazendo bananada, eu sabia que ela estava fazendo bananada! E era bem longe, ela fazia no tacho. Era uma vida muito simples e muito rica. As cercas das casas meio que não existiam. Se quisessem plantar, por exemplo, uma bananeira no seu quintal, a bananeira era daquele que plantou. Isso acontecia na casa da minha mãe, que não estava acostumada com isso. Um dia, ela viu um vizinho sair com um cacho de banana num carrinho de mão. Ela perguntou: “Onde é que você vai com essa banana”? Ele disse assim: “É da minha bananeira”. Porque eles plantavam e era deles. O quintal deles era na casa da gente. Inclusive, eram eles que faziam a dança do Caiapó no Carnaval, eles eram descendentes de indígenas. Não existia essa noção de “eu sou dono disso”, “você não entra”. Havia uma participação das pessoas. Se você estava meio mal, a vizinha sabia. Era muito interessante essa parte porque Ilhabela era um lugar isolado, onde as pessoas tinham a própria lei. E se davam muito bem com isso. Realmente, ficaram muito chateados com a presença de pessoas que tinham uma cerca e não queriam que eles pegassem a banana deles.



Sobre os acervos pesquisados

A pesquisa encontrou, majoritariamente, fotografias em papel, cujos negativos lamentavelmente se perderam. Essas cópias estavam, em sua maioria, armazenadas em caixas e álbuns; algumas poucas emolduradas. Apareceram também muitos *slides*, sempre em mau estado de conservação, com muitos fungos e marcas de manuseio. A grande surpresa da pesquisa foi trazer à luz daguerreótipos feitos nas décadas de 1920 e 1930.



Maristela Colucci é fotógrafa, artista visual e *designer* gráfica.

A fotografia como instrumento de memória permeia alguns de seus trabalhos autorais. Apresentou seis exposições individuais no Brasil e uma em Portugal. Coletivamente, expôs no ICP (*International Center of Photography* de Nova Iorque), nos festivais *Paraty em Foco* e de Tiradentes (Brasil) e ainda na Colômbia, na Itália, na Tailândia e em Portugal. Tem oito fotolivros publicados, entre eles *Ilhabela* (Metalivros, 2010), *Antártica, um mundo feito de gelo* (Cia das Letrinhas, 2007) e *Os meninos da Congada* (Grão Editora, 2011). Suas imagens figuram em 24 selos do Brasil e também nas seguintes coleções: MAM (Verde Lente), FNAC e BnF - *Bibliothèque nationale de France*.



Camila Prado é jornalista.

Há quase duas décadas no universo dos livros, também transita por outros conteúdos impressos, audiovisuais e digitais. Como colaboradora do Museu da Pessoa, realizou coordenação editorial e redação para publicações, exposições e projetos de memória. Atua também nas áreas de educação, meio ambiente e cultura, com passagem por instituições como TV Cultura, CENPEC, Publifolha, *Greenpeace*, Espaço Cultural Pés no Chão, Natura, Fundação Gol de Letra e editoras Globo e Abril.

Dream, memory and belonging

“Life without memory is no life at all,
just as an intelligence without the possibility
of expression is not really an intelligence.
Our memory is our coherence, our reason,
our feeling, even our action. Without it, we are nothing.”
Luis Buñuel, *My last sigh*

I'm not sure if the photographs recovered by Maristela Colucci could truly be called photographs, but they certainly looked like photographs, which could enrich countless imaginary adventures. Memory is always invaded by imagination and daydreams. This might have been just the beginning of her quest for old images of Ilhabela, a city that had always captivated her and over time became her home.

About fifteen years ago, she was hooked by the idea of contributing to the construction of the municipality's visual memory. After walking along beaches and mountains and listening to the incredible stories of longtime residents of that magical archipelago made up of 4 islands and 11 islets, Maristela, as an artist and photographer, embraced the responsibility of assembling a collection of images, preferably as broad as possible, to give an account of part of the territory's visual history.

With time and the wisdom of those who know how to wait, she gained confidence, obtaining convincing accounts of the experiences of the people who lived there and gradually putting together a significant collection of photographs and postcards. The valorization of this deepened collective memory now enables its return to the community in the form of original and distinctive content, which reaffirms, for the citizens of Ilhabela, the very notion of belonging.

Dreams exist only through the memories that nourish them. Family photographs, images of events, postcards, and informal snapshots of daily life, now gathered together, contribute to defining a geography and a social fabric that both identify specific places and recover certain individuals. In truth, each photograph collected becomes a world that unfolds before us, attentive observers of the singularities and beauty of the world. A testament to the visible, captured by whoever stood behind the lens, but which now radiates both nostalgia and knowledge.

The postcard, when compared to the family photograph, holds particular characteristics. While the latter is almost always a unique copy, kept privately in an album or hidden away in

boxes inside closets or drawers, the postcard is produced in large quantities and circulates around the world indiscriminately, yet it also finds its way into those same family albums. And the rich diversity of this inventory of images and narratives collected by Maristela reveals how much the artist has honed her investigative curiosity throughout the course of this project.

In particular, the collection of recovered images - some of which have been transformed into postcards - leads us to understand all the complexity of the different ways of recovering the spaces of sociability that exist on the island, as well as part of its landscape and urban space. A small paradise that still retains a tiny part of its historical and cultural heritage.

The postcard has a different logic as an image. A photograph, once forgotten within family archives, was unique and almost invisible, yet, when transformed into a postcard, it acquires visibility and circulates more widely. Sharing this set of images, carefully selected from an archive assembled over the course of research conducted among her contemporaries, is an act of collective remembrance. Each time an image is multiplied in the form of a postcard, memory is expanded and becomes more widely democratized.

This was the very proposition behind the emergence of the postcard – a low-cost means of communication capable of conveying messages quickly, with light and standardized weight, a fixed format, free circulation, and no expectation of confidentiality. Initially introduced as a “Postal Ticket,” it became a “Postcard” with the addition of an image. Its regulation was established in the second half of the 19th century. It quickly evolved into an industry of global scale.

The production and mass consumption in the early decades of the 20th century was such that the period from 1900 to 1920 is considered the Golden Age of the postcard. The postcard image, combined with the advent of illustrated magazines and cinema, ushered in what we now call “the century of the image”. A family memento, a reminder of events, landscapes, monuments and cities, the production of postcards became a highly profitable graphic industry and acquired a fundamental importance in the construction of affective memory and a relevant iconographic source of its time.

With the publication of this book of testimonies and more than 50 photographs and postcards, it is possible to see that each of them offers an interesting way of interpreting Ilhabela's history. The set provides a record of different historical periods and allows each reader, from now on, to keep custody of the visual history of the city, some of its characters and its main socio-cultural manifestations – such as the *Congada de São Benedito*, the *Folia de Reis*, the fisherman, the ox cart, the *Salgas* (fish-salting sheds), the fishing nets, the *caíças* homes and the local soccer team, among many other forms of memory and culture.

With this project – *Villa Bella – Iconographic Memory of a Beautiful Island (Ilhabela 1900–1980)* – Maristela Colucci and journalist Camila Prado propose a geography that lead us to identify the beauty and tranquility of the past. Without documents, there is no history.

Rubens Fernandes Junior
Researcher and curator of photography

A crossing in time

For the past 10 years, I've dreamed of gathering old photographs of Ilhabela that I knew were preserved as treasures with no known maps. Recently I've been groping about until the paths lead me to some of the guardians of these gems: people aged 60, 80 and even 96 who have generously opened their homes, their albums, their boxes, their lives.

Wrapped in their memories, we revisited the plantations in full activity, crossed the channel in canoes by paddle and by cloth sail, watched the trade with Santos flourish and then dwindle. We boarded legendary canoes that transported goods to newlyweds, guests and even dead people.

We woke up in the middle of the night enchanted by the *Reis* revelers at our doors and windows, and sailed in São Pedro's processions, and watched the *Congada* and got so involved that we even heard the sound of the *marimba*.

We went here and there on foot and by bicycle, getting off balance in the sometimes sandy stretches of trails between beaches. We walked many kilometers to get to school everyday. Dropped *picaré* fishing trawl with the adults. We heard the sound of *berrante*, the horn, calling them to the sea as the mullet came in.

Young, we got together with friends on the pier of Vila to play, sing and sometimes dance. Our daily life even ended up on movie screens when, shortly before 1950, the film *Caíçara*, the first production of Vera Cruz Film Company, was shooted here.

Gradually, we received the first immigrants and also the first vacationers. We saw architecture changing in the face of new demands. We witnessed the arrival of the first automobile on the island and many others when the ferry boat started operating – by then we were knocking on the doors of the 1960s.

Finally, we advanced through the 1970s and continued enjoying Carnival and dyeing with our crepe paper costumes the waters of the channel at the end of *Dorotéia's Bath*.

So many memories and emotions led us to this journey that the photographs here reveal. They, which have the magical power of crossing time, mixing past and future.

All testimonies showed a common point: the love for Ilhabela. It is this loving gaze

that we have launched at Villa Bella/Formosa/Villa Bella da Princesa/Ilhabela since the beginning of the last century, and we came to current times with a certain nostalgia and the confessed wish of having really lived those simple and free times.

We continue our journey, now loaded with a wider vision and new feelings which give us a better understanding of current days and fight for a present and future worthy of this land and its inhabitants, from the original ones to those who one day made this journey guided by the heart.

Maristela Colucci

Olden times stories

A land surrounded by a sea of names

It's in Maembipe where it all begins. Or at least as far as history, with no certain dates, could reach. From Tupi, *Maembipe* means “a place of trade in goods and rescue of prisoners”, as it was recorded by German Hans Staden, indicating that the island was a neutral place between the fierce disputes of indigenous people Tupinambas and Tupiniquins. Archeological excavations also reveal traces that Indians from the Macro Jê trunk settled here.

The island received a new name and a new course with the passage of Americo Vesputio's caravels through the island, on January 20th, 1502. In honor of the saint of the day and adjusted to the times of colonization, the island is now called Ilha de São Sebastião.

However, it was only in 1805 that it changed from the status of 'chapel' to that of 'vila', breaking away from the other side of the channel, detaching itself from São Sebastião da Terra Firme (São Sebastião on the continent), gaining the name Villa Bella da Princesa. As a tribute to the first daughter of King John VI, the Princess of Beira, who had an almost endless name: *Dona* Maria Teresa Francisca de Assis Antônia Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafaela Isabel Gonzaga de Bragança.

With the Proclamation of the Brazilian Republic, in 1889, the term *princess* dropped and the name became just Villa Bella. In 1938, what was separated, is joined: Vilabela, now elevated to city status, gets quite close to its final name, not before making a detour by presidential imposition. Overnight, Getúlio Vargas named the island Formosa. It took four years, and the population in a frenzy, until, back in 1944, the city finally found its last safe harbour in the name Ilhabela.

From the small village to the world - Ilhabela in the 20th century

With the displacement of coffee production to the west of São Paulo state, and the abolition of slaves, Ilhabela enters the 20th century in a major economic downturn. All the strength that it had experienced in the previous century with the pitiful slave trade and coffee production disappears along with the steamboats, which used to come from Santos to retrieve sacks and sacks of black gold, as coffee was known by that time.

The fields – of manioc, beans, pumpkin, corn, banana – and fishing for subsistence were never abandoned by the natives. But other alternatives had to be found. Thus, the water wheels of the mills started to turn again. The activity had been greatly reduced with the decay of the sugar cycle and the rise of coffee, but now the stills were readjusted and this time produce brandy instead of sugar. In the first two decades of the 20th century, the production of *cachaça* was the base of the economy in the island.

In order to break the isolation imposed on the north coast in relation to the great centers, whether due to the lack of road access, or the lack of large boats, the dugout wooden canoes were the salvation. Aboard them, by rowing or by “cloth” sail, all the production would arrive at the Santos market. A *caiçara* construction technique from a single tree trunk that could reach up to 20 meters, the dugout canoes made in Ilhabela occupied a prominent position along the entire north coast at the beginning of the century.

Around 1920, Japanese immigrants landed in the city with new knowledge and thus the floating siege and fish salting gave new life to the fishing activity, now aboard small motor boats. In a decisive way, they influenced the caiçaras, who continued to use the Japanese techniques even after many of them left because of World War II and the consequent damaged relations between Brazil and Japan.

Thus, from an artisanal craft, fishing becomes an important economic activity, alongside the production of brandy, which waned until the mid-1970s. Despite all the efforts, it was hard times. World War I, the Crisis of 29, the Revolution of 1930, the Revolution of 1932 and World War II caused immense challenges to survival and the exodus of a large part of the population. The approximately 8 thousand people that inhabited Ilhabela in 1920, totaled less than 5 thousand in 1950, according to the book *A Ilha de São Sebastião*, by Ary França (1954).

So great was the lack of production that, in 1934, the District of Villa Bella became extinct, but in the same year, a decree reestablishes its independence from São Sebastião.

Amidst the imbroglios, one good news: the stagnation allows the forest, devastated by the sugar and coffee plantation cycles, to have enough time to regenerate. In order to

preserve the Atlantic Rainforest, the Ilhabela State Park, an archipelago park that covers almost 85% of the municipality, was created in 1977.

A timid flow of vacationers began to show in 1935, with the opening of the highway “São Sebastião - São Paulo” and the incipient revival of the movement of ships coming from Santos.

From the 1950's, which started with the inauguration of President Dutra Highway and ended with the implementation of ferries, the largest oceanic archipelago in Brazil began to enter new times, which was enhanced with the arrival of Petrobras maritime terminal in 1960 and the Tamoios Highway in 1970.

Summer homes were built by the hands of people from Minas Gerais and Northeast of Brazil making the city grow along the shore from north to south with high standard residences, while popular neighbourhoods sprawled up inland into the forest, such as Morro dos Mineiros and Alto da Barra.

Specific issues to the urbanization process, such as real estate process and disorderly growth, emerge with the arousal of Ilhabela to the activity that becomes its great vocation in the coming decades and still is: tourism.

From 1900 to 1980 – the Villa Bella project, the images of the island, and the history of photography

The images collected by the project 'Villa Bella - Iconographic memory of a beautiful island' cover a period in which technological advances promote the popularization of photography – incipient at first and, with each new resource, approaching massification, which actually only happens in the 1990s, with the introduction of digital photography. It is in this context, with cameras becoming more portable and accessible, that amateur photographers emerge, and the act of photographing gradually becomes part of more everyday life, as it is possible to observe in the selected photos.

Most of the collections accessed by the project, however, reveals that the popularization of photography, even though it has occurred, stumbled upon the limits imposed by the socioeconomic consequences of slavery, which unfortunately results in rare images of black people in the period researched.

The evolution of the history of photography is aligned with the historic period chosen for the project, which dates back to the transition of an Ilhabela *caiçara* (native), at the beginning of the 20th century, still with colonial staleness and economic base in agriculture and fishing, for a more urban Ilhabela, with access roads, ferry, cars, and vacationers, heralding, around 1980, the city's vocation for tourism, which would intensify in the following decades.

Crystal clear tales

Memories bring colours to history. They carry echoes which are almost tangible, coming not from the past but from another place. A place scented with the present. A place that allows each person to be who they are, not who they were. Memory goes beyond Chronos, far from chronological time, and its measurement. It is Kairos, nonlinear time, precisely marked by the moments that touch us. More than lived stories, memories are vivid stories. Capable of revealing themselves like a photograph when translated into narratives. Memory is what remains. It is the daughter of experience, not of absolute truth. It is like that postcard we choose to send on a trip, selecting both the front image and the lines on the back as emblems of what we take from a time and a place we once lived.

Through the power of both remembrance and speech – and in a dialogue with temporality of the postcards from the first part of the book – these following pages bring testimonies, reports, tales, fables, poems in prose. These are words carefully chosen and gathered from more than 30 interviews with people who invited us into their private Ilhabela.

If official history is, after all, a record made by those chosen to narrate it, what we have here is the opportunity to reassemble a broader version, which connects a collection of voices reflecting the thousand places of a place.

And so the excerpts flow, one well linked to the other, so that you, reader, can navigate. It's the always old-new story of the thread of memory. Just pull it.

Pedrinho *Pedro Aydano da Silva was born in 1945, in Ilhabela.*

The echoes of memory

Back in the day, there was an echo from the hills to here. Nowadays there are so many roofs, so many houses that there's no more of that. When I was a child, we used to play right where Princesa Isabel street is now. It was just a little trail. Going from Pereque to Barra Velha was hard - we had to cross not one, but two rivers. Not anymore... there are shops, shops, shops all the way there. We'd shout on purpose just to hear the echo come back to us. My family has roots in Africa – probably from the Atlantic side. I've always wanted to cross the ocean to see if I could find someone connected to us. But even on these family sites such as Family Search, I haven't found anything. My great-grandma, Benedita Esperança da Silva, came to the island by herself in the 1700s or early 1800s. She was already pregnant with my grandma, Eva Esperança. By then, slavery was already illegal at the main port, so the slave ships would dock on the other side of the island, Castelhanos or Praia Vermelha. That's where they'd unload people, and buyers were already waiting to take them to farms, clean

them up, and then sell them. My great-grandma came from Praia Vermelha to Cocaia Farm, up on this hill, Morro do Espinho. When she gave birth, she breastfed both her daughter Eva and the farmer's son at the same time. My grandma Eva became very important around here – she was a midwife, and she learned this trade from her mother, who used to do the same back in Africa. She would always take a little twig of rue and bless me with a little prayer.

Anna *Anna de Oliveira Cardial was born in Santos in 1934. She first visited Ilhabela in 1938.*

The old lady and her eternal embrace

My dad was born at a ranch called Mato Dentro, in Cocaia. It was a huge coffee plantation with slaves, and he was looked after by a nanny, a wet nurse, who was Dona Benedita Esperança, mother of Dona Eva Esperança. She said she had one wish before she died: "I only want to die after hugging Benjamim", that was my father. I remember she was sitting on the steps of the house, darning a sock on a wooden egg, without glasses or anything. I was amazed by that. When she saw my father arriving, she jumped up and ran barefoot to him. She picked him up and spun around with him in her arms. My father was in his 50s, a tall and strong person. And she said, "Now I can die." Soon after, she passed away, at the age of 102. That memory's stuck with me, I'll never forget it.

Max *Maximiliano Alberto de Souza Rezende was born in São Paulo in 1951.*

He first visited Ilhabela in 1958.

We're all part of history

My origins are history. That's what I always wanted: to know history, to learn history. And, in the end, I taught History of psychology, History of philosophy, History of science and so on. I use the family tree as a history of Brazil. Everyone is a history of Brazil. My great-uncle owned Barra Velha. And my father had a sugar mill in Barra, he knew all the engineers. My father visited Ilha around the 1930s. Later, he sold Barra, bought Siriúba and Arrozal and sold them too. When my father died, I spent years in a paper mess, because Siriúba, Arrozal and Barra Velha, didn't have any documents. What is most unforgettable for me is that, when you arrived at the island, just about 100 meters from the ferry, you could see everything underneath. Millions of fish. Everything was beautiful. A transparency that I haven't seen again since then.

Laura Lúcio *Laurinda Maria de Moraes Lúcio was born in 1960, on*

Castelhanos Beach, in Ilhabela.

Of pirates and sesmarias (colonial land grants)

We were tired of being labeled as the children of pirates. Nothing against it, they're also from the sea, right? But we wanted to go deeper, to find out where it came from, why pirates? My aunt spent 25 years researching. Using my grandmother's last name, on her birth certificate, she discovered father's name, grandfather's name. She wrote a book, discovered who we are, why, and so on. I have a huge family tree, dating back to approximately 1810, if I'm not wrong. My grandmother on my mother's side said that we were descendants of Europeans, who came from Spain. But my mother's name was Isadaê, which means "daughter of the sun". Her father was indigenous. And, on my father's side, I am the great-granddaughter of slaves. My family basically founded this place. Castelhanos was a passage for ships, both for smuggling slaves and for the crossing of imported materials. Historically, Ilhabela was divided into six parts and one of the *sesmaria* belonged to my family. For the first few generations, it was sugarcane. Then it was just coffee. Later, it left those two crops aside and became more of a common farm. They did it for subsistence and sold it abroad because you can't dress in crops, and you can't wear a field as shoes. Everything came and went from Santos by *voga* canoe.

Arthur Carlos *Arthur Carlos de Freitas was born in São Paulo, in 1951.*

He went to Ilhabela for the first time when he was 11 months old.

Caiçara archeology

I worked for many years with the archaeological management of Plácido Cali. In Ilhabela, specially, we monitored the SABESP works in 2007 and 2009. We found a huge indigenous site in the Barra Velha village and also excavated at the Barra Velha Farm, which belonged to the Rezende family, right where the ferry booths are today. We found several pieces of colonial pottery there. At the indigenous site, there were a lot of ceramics, approximately 5 to 6 thousand pieces, type Jê ceramics, which are currently at the Engenho d'Água Farm. The Jê group would be like the Caiapós, Kaingang... Especially the Kaingang, who lived on the coast. In fact, it was discovered that the Jê-language indigenous people had villages, the Viana village, the Barra Velha village. In addition to the burials, more on the Vitória islands, which are called shell mounds, but at ground level, unlike the sambaquis, which are monumental. The indigenous people at the shell mound are from 2 thousand years ago.

Danielzinho *Daniel Julião Corrêa was born in 1946, in the Portinho*

neighborhood, in Ilhabela.

A life of cattle and plantations

My grandparents, great-grandparents, and my parents are all from the island. Our family goes back 300 years. According to my mother, her grandmother's origins were from French castaways. I think it was my great-great-grandmother who came here. My father's family was Portuguese. The island is made up of many races: Dutch, French, Spanish, Portuguese, blacks, and indigenous people. My older brothers and my uncles worked with my father. They had huge farms, thousands of banana trees and an abundance of fruit. And they were close together. They sold to the São Manoel and São Joaquim boats, which took all kinds of things that were harvested in Ilhabela to Santos. Cassava flour, fruits in general, little birds that we caught to sell. My father also had a greengrocery in Vila, in front of Aracati, when there wasn't even a road yet. Our house was on the beach, and on Saturdays and Sundays, my father would set up his chair on the sand and cut everyone's hair. My mother was the midwife for all of us. She didn't weigh more than 45 kilos, but she had a fertility of mind that could bring down animals weighing 25 arrobas. She was a saint, I believe. The cattle was handled by me and her alone. I would milk the cows with her at dawn, then I would go to the pier, where the ferry is, to go to school in São Sebastião. I would carry the milk with me to deliver to the Rocha ice cream shop, which was next door. I would cross the river on the Santense speedboat, which could carry up to 70 people and would stop in Vila, Perequê and Barra Velha.

Vitória *Vitória Marie Jane Geneviève Bárbara Van Sebroeck Silveira Martins was*

born in 1963. She arrived in Ilhabela in 1964.

Toca Farm and the power of the forest

My parents came from Belgium and lived in Brussels. My mother left there to live in Mogi das Cruzes in 1937. My father came as part of a post-war plan by the Belgian government plan to encourage people to leave the country and start over. In 1957, he was working for a French group and the director asked him to come to Ilhabela to choose a property to buy. My father traveled around Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela and ended up visiting several farms. In 1959, with my mother's inheritance and my father's savings, they bought Toca Farm. My father wanted to preserve the forest, but also to make the farm productive and self-sufficient. He planted a lot of bananas, a lot of pineapples, there was sugarcane, the mill was working and things were going well. We had 100 thousand banana trees. Nowadays, it's often sold the idea that this is original forest, but it's not. All we didn't have here was vegetation. Ilhabela once had 31 mills... But it doesn't

make it any less beautiful that it is not primary forest. Quite the opposite. The forest has swallowed everything up. If it has rebuilt itself in this way, whatta vigor. Whatta strength!

Kenzou *Kenzou Imakawa was born in 1916, in São Paulo. He arrived in Ilhabela in 1926.*

The saga of salting

When I arrived at Praia da Armação, there had already been some beginnings of salting. It was from the time of Uncle Maeda, who started here. His wife was my mother's sister. That's why they invited us to come here and my father started working. We came from Mato Grosso. And they started doing fish work, those little things for the Japanese. They had a machine brought from Japan to grind the fish, dry it very well, dehydrate it, turn it into powder, packaged it and sent it to São Paulo and the countryside to sell. There were no refrigerators, so people bought a lot of salted fish. At that time, we made good progress. I was 10 years old and began to learn all the tricks of the fisherman's trade. I still know a lot of fishing tricks today. We started doing a simple job at first. My uncles had no experience, and then I changed it. I started canning and managed to register the brand, the Boreal brand. It was very popular. There were 5 salting plants, including us. All Japanese, in Armação, Praia do Pinto, and Ponta Azeda. They came to see how we worked. When I arrived, the fish was counted by the hundred, because of so many fish. It wasn't by the kilo. People would say: "I have so many miles of fish". It was cheap. If they didn't have a buyer, they'd let it go. The fish was in front of the salting plant, taken out of the net and taken to be cut up. But then all the sardines ran out and the salting stopped. I think it disappeared due to overfishing, there was no control. Today, there's a closed season.

Geraldo *Geraldo Julião dos Santos was born in 1949 in São Sebastião. When he was 29 days old, he went to Ilhabela.*

A good land

The island has a history of fertility. All I know is that when they planted tobacco, it was the best in Brazil. And when sugar was booming along the north coast of São Paulo, it was the best of all. Then came coffee, and the farms produced way more than they needed. The *cachaça*? Some of the finest in the country. And here it's always been synonymous of beautiful fruits. I am not a geologist or an agronomist to understand why. But we've got this in our minds. My grandfather comes into this story as a merchant. He built a mill here on the beach itself, now Julião Beach, which made him famous. Leite and Brothers was a

much-loved *cachaça*, both pure and mixed, such as cidrão, a well-known bluish spirit. It was produced until around 1975. I have a lot of memories, not from hearsay. I'd go in there and feel a nice whiff of wood and *cachaça*. And there was the fun side. The children would help clean the liters of *cachaça*. With coarse sand and a spout of running water, we had to shake the bottle a lot. My older brothers would go to the mill's wheel when it was out of production, step on it and make it spin without the proper water. Then they would spin it around, like a Ferris Wheel.

Dita *Benedita Costa was born in 1945, on Vitória Island in Ilhabela.*

Victorious Dona Dita

The bridge we had to use to get off the boat on Vitória Island — you had to jump off it. It was made of wood planks, we stepped on it and it swayed side to side. I've been through a lot. I've worked since I was a child, started when I was 12. My dad was sick, so it was just me and my mom doing everything. I picked cassava from the fields and carried the sack on my back. And it was far, high, to climb with a load. I peeled it, grinded it and spun the big wheel. We also grew potatoes, corn, had to make flour, kill the fish, cook it in water and salt. Everything to eat, because back then it wasn't like it is now. And when I had an illness, I used bush medicine, I made pennyroyal tea, fennel tea, and baleeira herb. Baleeira herb removes all the infections from inside us.

Antonio Alemão *Antonio Sacramento de Almeida was born in 1935, in the Furnas neighborhood, in Ilhabela.*

Fish for breakfast, lunch and dinner

I was born right where I live, but the house was made out of mud and sticks. Later I built this house. Our sustenance was fish with green banana, that traditional dish called *azul marinho* (a coastal stew made with fish and green bananas). And manioc flour, I'd make it here with my father, lived off beans, I had to eat a lot because it was tough work! Then I'd make that *pirão*. We'd eat it for dinner, lunch and breakfast. That's how it was. And coffee, we never drank it with sugar. It was with sugarcane juice. There was a lot of coffee here on the island. From Perequê, Engenho d'Água, from that neighborhood to São Pedro, everything was just coffee. Coffee and avocado. The first coffee to be exported abroad came from Ilhabela. And avocados, there were a lot of plantations. But my father taught me everything. To work in the fields, to fish. He just didn't teach me how to read. My mother knew a lot, she taught me a few things, and so did a teacher. But you know how it is, you

can't suck sugarcane and whistle at the same time, it's impossible! Whatever I learned in the morning, I forgot by night, because we'd fish all night long, until sunrise.

Bicudo *José Francisco dos Santos was born in 1967 in São Sebastião, and moved to Ilhabela shortly after.*

The salvation of barter

My father, Maneco Ribeiro, was from Portinho, a family of former slaves, and my mother, *Dona* Durvalina, known as Moça, was from Praia Grande, white with light eyes. There are nine of us siblings and I got to know my father when I was only nine years old, because it was common back then for men to work on ships. Only later, he started staying around more, he became the skipper of the boat that took the harbor pilot to the ships, and also drove the ferry. He was a true man of the sea. An interesting thing about fishing that happened here was how the boat and net owners worked. The guy who had all the gear would call in a bunch of folks to help. About 20 people would gather for the fishing trip. Then they'd split the catch into three parts, called *quinhão*. Mr. Formoso from Portinho used to do this a lot. One share was his, and the other two went to the crew, but the owner of the net would also take part. So there was fish for everyone. There was also this custom of bartering to use the flour mills. Not everyone had one, so people would say, "Hey, *compadre*, can I use your mill to make some flour?" In exchange, the other person would give labor to help plant and carry the sacks. There was a business of going to Santos to exchange goods. We would take flour, bananas and come back with rice and dried meat. There were no shops or stores here; everything came from Santos. My mother used to say that, when she was a child, whoever had shoes was rich. A family near Praia Grande had a pair of Vulcabras 752 that they lent to everyone. It was used for weddings, funerals and baptisms. Every now and then, this guy, Zé da Lona, would show up when I was little. He sold everything out of his little truck. Clothes, fruit, and those giant lollipops that lasted all day. A photographer would also come. Once he came to my house to take my portrait. I must have been 5 or 6 years old. He set up the tripod, ducked under the cloth and when he triggered the flash, all that smoke came out! I ran away, terrified. I tripped over the tripod. It was a very expensive equipment! The photographer fell to the ground and the tripod landed on top of him. In the end, that photo of me never came out and my father was ready to strangle me.

Eddie *Edmundo Pelizzari Filho was born in São Paulo in 1960. He first visited Ilhabela in 1976.*

Art is priceless

I am the great-nephew of Celina Pelizzari, Waldemar Belisário's partner. My great-aunt was a lyrical singer and music teacher. In 1930, they went to live in Castelhanos. Imagine what it was like there. There are photos of him and my great-aunt on horseback. But, in fact, I didn't even know the existence of my great-uncle. Because the family never told me about him. I only found out about him when there was that exhibition at MASP. Then I fell in love with him and started going to Ilhabela, by then it was the house in Perequê. I was 15 or 16, and it felt like a whole new world opening up. I was completely drawn in. I was fascinated, because he was a multi-instrumentalist, multi-talented, he had interesting books, objects from the slavery era that he had found, crockery from the wreck of the Prince of Asturias, on one wall he had the various instruments he played, violin, viola... It was different to see an old man who led a kind of hippy life. In that little wooden house. He lived through bartering. At least for a while. He said he'd swapped a painting for a sack of potatoes, another for a fishing rod, then the rod for something else. He bought a piece of beach land, then he traded it for a VW Beetle, then he traded the Beetle. He only traded when something was needed. What he passed on to me, was that in Ilhabela he had found peace.

Helena *Helena dos Santos Carvalho was born in 1931, in the Itaquanduba neighborhood, in Ilhabela.*

Sketching life

I met my husband Antônio at the garlic plantation in Engenho d'Água. The Japanese had leased it, but they had to leave, they couldn't stay in Brazil. As my husband was the godson of the farm's owner, who lived in São Sebastião, he went to take care of the plantation. A lot of people were called to harvest and braid the garlic. And my mother went to work there. I would leave school and go there. And he would talk to me while my mother was processing the garlic. He started showing me his drawings. He really liked to draw and taught me. Then he'd go home to buy eggs, but he started buying eggs just to see me. He fell in love with me. Because of the whole drawing thing, he ended up meeting the painter Waldemar Belisário. And he became a painter too. He helped paint the ceiling of the main church. By then, we were already married. I'd take his lunch up there while he worked.

Eulina *Eulina de Mello Quinteiro was born in 1928, in Guarujá. She moved to Ilhabela as a young girl.*

Like a movie scene

In 1952, I was the Chamber's first employee. I started there as a secretary and archivist. I bought the Remington method, taught myself how to type and typed with all 10 fingers without looking at the keyboard. I learned well. But it turned out that there was no one else. So I did it all, the meeting minutes, official letters, requests, motions, you name it... I even drafted the reports for the justice, legislation, and editorial committees — all three, because the council members didn't do that stuff, they'd come to me for help. So I did everyone's work. I retired before I was 30, I accumulated vacation time because there was no one to cover for me. I took the first ones I was entitled to, and after that, never again. One time, they asked me to do a small part in the film *Caiçara*, which they shot here. Geraldo did a scene with me, as if we were dating. They wanted us to kiss. But I didn't want to. I was just sitting there. The guys were laughing on the beach and making us laugh. It was a whole event in town.

Dito Dória *Benedito de Oliveira Dória was born in 1951, in the Portinho neighborhood, in Ilhabela.*

Mullet's horn

I am a native *caiçara*, the grandson of a slave. Back then, there were no roads, there was nothing here. When I was 13, I had to work to help feed the family. I kept studying, working, and ended up getting into Petrobrás, at the Almirante Barroso Maritime Terminal, as a deckhand. I worked my way up to tugboat captain. I traveled all along the Brazilian coast. I remember that, as a child, after school, we would go to Portinho beach, where there was a little river that flowed into the beach, which no longer exists, and we would play. Late afternoon was the best time, when the old folks would blow the horn, calling people to come help pull the fishing nets in. People would come running from the fields to help. So much fish, none of it sold, it was all shared among the local families. We also loved playing soccer on the Portinho field. There were lots of little teams, and we held our own tournaments. The first field here wasn't even flat, it had a slope. If your team played uphill in the first half, you got to go downhill in the second. It was better to play the first half from the bottom up. Otherwise, in the second half, everything would come at you!

Nivaldo *Onivaldo de Jesus was born in 1953, in the Borrifos neighborhood, in Ilhabela.*

Praying the storm away

I learned it from my father: If I'm out at sea and I see a thunderstorm brewing,

that dark cloud rising, I get out fast, because that wind hits hard and there's no time for anything. We know this from the elders, who traveled through time, by the moon. I had an uncle, Calafate, who knew how to break up a storm. When the lightning started and the sky looked dangerous, he'd go up to the hillside. I remember him standing there, blessing the air, saying prayers. That thunderstorm, ready to tear everything apart, would just unravel. The skies would clear. He couldn't read or write, but he knew all kinds of herbs, healing remedies, and prayers. Back in those days, the boats didn't have instruments, a lot of things happened. I remember a boat that sank, called Ucrânia. It was a fishing boat. In the fog, it hit the rock. My cousin, whose name was Brás, heard the screams at dawn, he lived near the rock. He saw the lights, realized it was a boat, and ran over. He grabbed a rope, tied it to a tree and tossed it to the people on the boat, which was falling apart. He saved 20 people. Only one died. I was 9 years old, I remember it clearly. Afterward, they called him in to the Navy Command and let him choose what he wanted to do with his life, what job he wanted. In São Sebastião, there was Petrobrás and the ferry. He chose the ferry. This guy had a very good reputation here in Ilhabela, he was a true hero.

Hélio *Hélio Reale was born in 1924, in Vila, in Ilhabela.*

The wind priest

My father came from Italy straight to Ilhabela because his uncle was a parish priest here, Father Pascoal Reale. He came here as a child and stayed here, got married and died here. My mother was from Santos. We moved to Castelhanos in 1932, during the Revolution. We stayed for 8 years. We had plantations there, sugarcane, bananas. And a little distillery. The "Favorita" *cachaça* brand was shipped and sold in Santos. There is the story of the "priest's wind", named after my father's uncle. When he went places, the priest always had to go by canoe. He had rowers working for him, taking him back and forth. One time, a strong wind flipped the canoe right here on the beach. He almost drowned. And that is why the priest's wind remained. It was a strong wind that would blow over here. He didn't die because his cassock floated away. It became famous, the priest's wind.

Dedeca *Maria José Fazzini Cardial was born in 1928, in Ilhabela, where she also died, in 2023.*

Sailing postmen, flying boxes and traveling salesmen

I was born where the library stands today. It used to be a big house and was the Gabriel dos Santos School, the first elementary school in Ilhabela. When electricity arrived

here on the island in 1922, I wasn't even born yet. But the power was only in the Vila area at first. Delivering letters was a one-man job. He'd row from here to São Sebastião. The postman would put all the mail in a little bag on his back and leave at 3 PM to cross the channel. That took guts. Sometimes packages came by airplane, brought by my cousin Mário França. He always landed where the airfield used to be and he had to move the cattle out of the way for the plane to land. But before he came, he would let us know that he was going to drop off the package at a certain place. He would arrive at that particular location and throw a box all wrapped up. Traveling salesmen also brought goods here. They carried big bags on their backs, going door to door selling things. Everyone bought their own fabric, and the seamstresses made clothes for us to wear to dances. Don't think anyone just wandered in dragging their feet, no way. Nobody came in without a jacket and tie. Everyone was dressed up nice.

Doquinha *Benedita Cristina do Vale Pombo was born in 1928 in Curral Beach, in Ilhabela.*

Of joys and revelry

The *Folia* was a wonderful thing. When they announced, "Hey, the *Folia of Holy Spirit* is coming!" every house got ready. Whoever had to make manioc flour would do it before the *Folia* started. It began over in Taubaté and moved along, staying at one neighborhood each day. During the week the *Folia* was there, no one went to work in the fields. And we followed the *Folia*, you know? At night, there was a procession from the house where the *Folia* stayed to the chapel. They sang religious songs all the time. Then they returned to the house, put the flag away in the corner, and the *forrozinho* (little folk dance party) began, lasting until eleven or midnight, because the next day, they had to go singing from house to house again. It was such a delight, this folklore. There was also the *Bate-pé*, another traditional folk dance on the island. You danced wearing heavy wooden clogs that made noise on the floor. It was an old dance, mostly for older folks, both men and women. The young people would go watch. We loved to see those ladies in their dresses, elderly but dancing. They just spun around, and the men stomped their feet rhythmically. Usually, it would happen in houses with those big wooden floors.

Stella *Stella Maris dos Santos was born in 1960, in Caraguatatuba. She then moved to Ilhabela.*

Congada: sacred festival

My mom's origins are from Saco do Sombrio. They're descendants of Portuguese, I believe, because my mom's surname includes Fontes and Siqueira. My dad is from Engenho d'Água, my grandmother comes from former slaves. My father was a great devotee of Saint Benedict, a tradition that came from his parents. He never showed up to Congada looking shabby. Nobody, nobody ever danced the last Congada dance better than him. When he raised his sword for the last dance and came dancing alone, it seemed it opened up. It was a sight to behold. Everyone watching wondered, "What is Zé de Alício going to do?". He would pull out his sword and it would glow. Not only did he shine, but the words he shouted, the whole song he memorized, never missed a single line. It was very beautiful. When he smiled, his teeth were so white. It looked like he was smiling with his soul. Congada still exists because many of those people still carry on the family tradition. And preserving history is something I've always learnt, because it is through history that I understand who I am.

Pedrinho

Ucharia and the bridge with ancestry

My great-grandfather was the first king of *Congada*. And my father was the last king of the family. My great-grandmother Benedita passed on all the knowledge of *Ucharia* to my grandmother Eva and my aunt Izanil. They followed that path. This part of the old *Congada* originated in my family. Today, the person in charge of this part of *Ucharia* is Isaura, Izanil's daughter. *Ucharia*, in the language of the slaves, means "king's pantry", it is where food is prepared and distributed to the family and friends of the kings. This tradition continues to this day; those who participate eat, and visitors do too. It is a community party, all free of charge. When it ends, we feel that a stage has been completed, a bridge with our ancestry has been built.

Tato *Luís Octávio Lopes Corrêa was born in 1946, in São Paulo. He went to Ilhabela when he was 6 months old.*

Family album

I spent a lot of time with my uncles. Grandma Druziana was the glue that held the family together. With uncle Anjolino, I had the greatest fishing experience. He would stand in front of the canoe. The mullets came to lay their eggs in the little river by the Vila. Only when they were already going back to the sea without their eggs did he throw the spear. He perfectly preserved nature. Uncle Ary, a professor of Human Geography, got his PhD at USP – São Paulo University –, and his thesis was on the Island of São Sebastião, maybe around

1946 or 1948. He organized excursions with us, had a little boat and took us camping on the beaches of the Island. Uncle Mário also had many of these adventures with us. He was in the Air Force, and built the airfield. And he helped Uncle Ari take aerial photographs of the entire Island. I remember Uncle Ari seeing it in 3D, you took two photographs, one very close to the other and used a lens to combine the two. Uncle Mário took us flying, doing acrobatics and impressive dives. It was crazy. All this happened before the ferry existed. I must have been about 8 years old. My mother, Iracema França, Dona Dedé, would come here every vacation. She would come from Santos by ship. My father and she settled here as soon as she retired at the age of 45. Her love for Ilhabela was so big that she started creating things. She collected Congada stories, recorded songs and sounds, and finished a book called *A Congada de Ilhabela na Festa de São Benedito*. She always had that drive.

Gilmara *Gilmara Gomes Pinna was born in 1961, in Vila, Ilhabela.*

Aquatics ocelots and masked *caiapós*

My mother was born in Armação and my father in Vila. All of them *caiçaras* (natives). I was born on Washington Luiz Street, house number 17, one of the first in the Vila. My father had a nickname, old Gico, and also *bichão*. He was a clerk, a journalist and correspondent for Diário de São Paulo here on the coast, and for many years he was a justice of the peace. He performed many weddings on the other side of the island and told stories about how *jaguariricas* (ocelots) would follow the canoe! Because there was also dried fish, bananas, flour, and the children would throw some of that into the sea. The canoeist would hit the paddle on the water to scare the animals because sometimes the *jaguariricas* got aggressive trying to get food. Weddings in Armação, in Portinho, were quite a journey. The road ended at Perequê. It was a small trail. My father would dress up in a full white linen suit and hat when he went to perform weddings. My mother would carry him on her back across the huge Barra Velha river so he wouldn't get dirty. How bold of my father! I think one of the most important things that represented Ilhabela were *Caiapós*. A *Caiapó* family lived in Saco da Capela, and they were true descendants of the indigenous people. Dona Dedé had the magnificent force to keep our culture alive. And they came back to the Carnivals. A week before, everyone would go out on the streets with them. Everyone masked up. My siblings went too. Each mask more terrifying than the last. They would knock on doors to warn that Carnival was coming and that things would get wild. And there was the *Caiapós* who would march down the avenue on Friday, with dances and rituals.

Anna Dorotéia's great theater

The Cardial family was the one who started *Banho da Dorotéia* (Dorotéia's bath) in Ilhabela. I think because my husband Delcídes had enjoyed the one in Santos, he got the idea to do it on the island. *Banho da Dorotéia* meant everything to him. The fun started with him and a cousin, Moacir Seixas. Delcídes was the baby sitting in the stroller, and the cousin was the nanny. People would shout and follow behind, playing along. Then other groups started coming up, it got better and better, and it became a fantastic play. Tourists coming from São Paulo to spend Carnival insisted on getting into the *Banho da Dorotéia*. There was the bakery bloc, my mother-in-law Cristina had a bakery on the corner. Everything was made in a big shed on that property. The whole family worked on those costumes. I was single when the first *Banho da Dorotéia* came out, in the 1950s.

Bajara *Ubajara Souza de Almeida was born in 1940, in São Paulo. He first visited Ilhabela in 1947.*

Fantasy Island

My mother brought one of my brothers to visit São Sebastião, and then saw Feiticeira, thought it was beautiful and decided to buy it. *Feiticeira* was the nickname, the farm's real name is São Matias. It was protected as a national heritage site. Then my father, little by little, in order to renovate it, removed the heritage status, and took 10 years to fix it up. My father restarted the mill to make *pinga*. I worked on it too. It was the whole process of grinding, distilling, and bottling the *Feiticeira cachaça*. I came to stay permanently in 1960, I was a primary school teacher here. I lived alone in that huge 2,000 m² mansion. At first, it was pretty creepy. People said there were still ghosts walking around. From my room to the bathroom, I had to walk 46 meters carrying a little lantern. But a house built with such old materials made a lot of noises at night. Around 1980, I set up a Mediterranean-style bar there, which became a huge success. Movie stars would come and go, even Roberto Carlos. It was fun. There was also the *Banho da Dorotéia*. They created the bloc *Inocentes do Bajara* to participate. They gathered about 200 people. Everyone dressed up in crepe paper costumes, would go around the block, which was as much as we could handle, and jump into the sea, right there on the pier. As we jumped in, the water got colored with patches of red, blue, green... It was really the fantasy island!

Coca *Rosa Maria Rodriguez Coelho was born in 1945, in São Paulo, and visited Ilhabela for the first time 3 months later.*

Island fables

I was in Ilhabela for the first time when I was three months old. I was a strong baby and my parents wanted to go anyways. They already had my brother and missed the beach... It was a long trip because in São Paulo, they took the Mogiana train to São José. From there, they got on a *jardineira* (a type of bus). Arriving in São Sebastião, we'd ask a fishing boat to ferry us across. This went on until I was about eight, until the small ferry S7 started carrying people regularly. Along with the *caiçaras* (local people), we used to go by canoe to catch *pregoai*, an orange sea snail, almost like escargot, which came out after storms. We'd dive without masks to gather them and fill a canoe full of these shellfish. One thing that stayed with us for a long time were the fantastic stories of Ilhabela. Many of them were about old ladies and girls from the sugar mill. They told of a girl who became very sick with tuberculosis and desperately wanted to see the sea before she died. And she died on the beach, in front of the Engenho d'Água. That's the story of Brisabele. And there were stories from other mills. Later, we came to learn more about the Feiticeira, where you could still hear chains dragging at night. Zezé, my brother, once went to sleep there because he was a good friend of Ubajara. And he said that he could actually hear some noises. They were the mystical *caiçaras*. They said if sin existed among the *caiçaras*, the Baepi rock could fall. And fall on top of everyone. As if Baepi were a big eye that dominated the entire scene of the Village and could punish people.

Crau da Ilha *Maria Cláudia França Nogueira was born in 1956, in São Paulo. The first time she was in Ilhabela was in 1958.*

We need to see the moonlight

They say I came here before the ferryboat existed. We stayed at my cousin's house in Saco do Indaiá. The outing was to walk to Pedra do Sino. My dad bought the house in Perequê in 1965, an old house, where my great-uncle Anjolino was born. Then, the outing was to go to Vila. We had so much freedom. We'd come back to Perequê at night. When we reached Engenho d'Água, there was no street lighting and we guided ourselves by the moonlight. I think the moon is what we miss most nowadays, because we no longer see the way we used to. On moonlit nights, we would go out, stay on the beach or in the garden, playing the guitar. Just with the moonlight, everyone could see each other. Nothing was paved back then. You would arrive there on the ferry, and enter what today is the hospital

area, it was a swampy patch of cattails. It wasn't a roundabout, it was a fork. You either went south or north. If you turned left, going north, it was just forest, forest, forest. You crossed the river, more forest. There were no houses in that stretch. Until 1980, there were no walls on this island. Only live fences. We had a very close bond with the people here. It was like they were our cousins. They were in the same places as us, seeing the same things. They had their own universe and we had ours too. But here we shared a very strong common universe. We'd jump off the pier, ride bareback on horses, slide down waterfalls on styrofoam boards; there were dogs we adopted, they were strays, they belonged to everyone, they were like other people.

Julinho *Júlio Eduardo Gentil Croce was born in 1954, in São Paulo. The first time he was in Ilhabela was in 1959.*

Traditional rituals

I first came to Ilhabela with my uncle Luiz, in the back of a kombi van. The ritual was this: we would wake up and go fishing with the locals who would go by canoe to the middle of the canal. We caught a lot of *sororoca*. It was a very easy fish to catch and it was good. Then we would swim with the kids, and we liked to go to the waterfall. I'd grab my bike, throw it onto the little motor boat, which was fantastic, get off on Perequê, then would take the bike off and keep going. Sometimes we'd go up to Toca waterfall, stop on the way, bathe in fresh water at Poço da Jaqueira. We were always at Barraca do Samba too, a simple little bar. There was the street cleaner who'd suddenly show up, drop his things, and start playing the mandolin. A very memorable person was Pedrinho do Pandeiro. He'd sing, play his tambourine, bring us all together, and the joy was contagious. Even Paulo Vanzolini came by and turned things around. Before you knew it, it was a party. And right in front of us were the police station, the courthouse, the jail. Everything happened there.

Sergião *Sérgio Pereira Croce was born in 1954, in São Paulo and visited Ilhabela for the first time in 1957. He died in 2023, in São Paulo.*

The journey to paradise

Preparations would start a week in advance. I clearly remember us all packed to the brim in the kombi. The four kids, Mom, and Dad. Dutra Highway was double lane, but a little after São José dos Campos, it turned to dirt road. The mountain road was dirt, quite difficult, especially if it was wet. Paraibuna practically didn't exist. In Caraguatatuba, there was a very long stretch, a scary place, dark and scrubland. We would leave at dawn in São

Paulo and arrive at dusk in São Sebastião. Once there, Dad would go to the little village and knock on the window of a guy called Zé Leite. He had a *baleeira*, a small fishing boat. We'd stop at the pier, load the boat with everything, cross the channel, land on the sand, and unload everything there. Soon after, the ferry came, I think in 1958. The land my father bought is in Saco da Capela, at the old airfield. There was a shack, which was more of a shack than a house. There was no electricity, no running water, nothing. My father was a brave guy, but he provided this for his family. We would go on vacation in January, February, March. Only after Carnival did the summer holidays end. We turned into wild animals here in Ilhabela.

Bia *Beatriz Pereira Croce was born in 1957, in São Paulo. She has frequented Ilhabela since she was little.*

And then there was light

Our house was next to the airfield, in Engenho d'Água. When a plane arrived, it would fly over before landing and we had to scare away the cattle and horses grazing there. I was little, but my sisters would go do that, along with the *caíças*. My mother told me that one time, right in the middle of the night, they woke up and heard the sound of a plane. There was no light, there was nothing in Ilhabela. How could that plane know that there was an airfield there? My mom and dad each grabbed a lantern and stood at opposite ends, waving them, and the plane landed safely. That's a story I will never forget. Another time, we woke up to fishermen on the beach, Joaquim, Maneco Félix. The sea was full of things floating, that smooth, calm sea. Lots of boxes floating around. It was a rush to grab the canoe and go after to find out what was that. Dad got excited too. When they got to shore, they saw it was boxes of French perfume. There were little boxes, like sample bottles, all neatly packed. After a while, they said that the *boneteiros* (people from Bonete beach) had a lot of French perfume in stock. We went there with the Maricota, an old aluminum boat that ended up with my father. It was the afternoon of the French perfume. We smelled great. And we gave lots as gifts too.

Jorge *Jorge Alejandro Beraldo Bandeira was born in 1936, in Montevideo, Uruguay. Arrived in Ilhabela in 1974.*

Da lata Summer (Summer of the cans)

Uruguay is a flat place, it doesn't have the kind of topography Brazil does. And that was a wonderful thing, the presence of the island was something very unusual for me. When I retired, I came to live here. Dutra Highway was a real challenge back then. But here

you could hear a toucan, a thrush. The paths were gravel and the bridges were wooden. And there was only Max, in Perequê. Then there was the Mercedes Hotel in the north, and I'm not sure if the Colonial was to the south. But the center of the island was Max. We'd all gather there, everyone knew each other. There were no individual tables. Just one big table where everyone sat together. One day, when arriving at the island, we noticed there was a flame. Max's place was on fire. Everyone who saw it came to help. We managed to save some things from his wife's shop, which was next door. She sold really good local crafts, I spent a lot of money there! Later they renovated the restaurant, but it wasn't the same...

Then there was the "summer of the cans," which was incredible. A huge amount of cans containing marijuana ended up floating. I think they threw them in the sea to avoid being caught. And they started washing up on the island's beaches. When people realized what it was, they started running around. It was funny because guys would dig a hole, mark where they buried the can, cover it up, and leave. Like an anthill! There's a story about a fisherman gathering the cans and loading them onto his boat while the maritime patrol threatened to open fire, ordering him to stop. The guy ignored them and kept loading cans. It was a lot of fun. For a good while, people smoked free marijuana. The cans looked like big milk powder cans, the kind of Nestle powdered milk.

Tereza *Maria Tereza Braga de Arruda was born in 1947, in São Paulo. She first visited Ilhabela in 1960.*

Ilhabela was our backyard

There was a *Chapéu de Sol* tree in Siriúba and we camped there three or four times before renting a house to start coming here more often. We came as a family. Then we rented a house. Later, we bought a small house in Saco da Capela, which belonged to locals who had moved to Santos. We came every weekend so much that everyone repeated the school year that year. We didn't even think about how far it was, and we didn't get tired of it. It was absolutely delightful. Ilhabela was fantastic, it felt like our own backyard. There was a group of 20 people, I think. Tourists. Few people came, mostly from São Paulo. Every day we'd gather at someone's house. Total freedom here. We'd walk to the Toca waterfall. There were a lot of biting black flies and everyone would bring their own oil. It was cooking oil. My mom had a kombi, filled it with people from that group, and we'd go watch the moonlight in Cambaráú. It was a beautiful place which now has a pier, but there was nothing there back then. It was the end of the road. We also went to hear ghost stories at Feiteira. Ubajara's mother, who lived at the farm, used to tell stories at the bell tower.

She told terrifying tales of things that appeared! At night, we could always stay out late in the streets. The big event was to eat fresh bread at the bakery at dawn. First batch, and we were already there. The bakery was on Morro da Cruz, and it belonged to the owner of Toca Farm. Genésio's Bar also existed, I think since the first time we came. And the *empadinhas* (little pies) were always great.

Cristina *Maria Cristina Braga de Arruda was born in 1946 in São Paulo. She first visited Ilhabela in 1960.*

The banana tree owner

There was a pharmacist who was the "hospital" here: you would arrive and there were always lots of people from the other side of the island buying medicine. It was in a very old house. There was a grocer who was also a dentist in his spare time. The day *Dona* Dedeca was making banana jam, I knew she was making banana jam! And it was quite far away, she made it in a big pot. It was a very simple but rich life. The fences around the houses practically didn't exist. If someone wanted to plant, for example, a banana tree in your backyard, the banana tree belonged to the person who planted it. This happened in my mother's house, who wasn't used to it. One day, she saw a neighbor leaving with a bunch of bananas in a wheelbarrow. She asked: "Where are you going with those bananas?". And he said: "They're from my banana tree". Because they planted and it belonged to them. Their backyard was actually at our house. In fact, they were the ones who performed the *Caiapó* dance during Carnival, they were descendants of indigenous people. There wasn't this notion of "I own this" or "You can't come in". There was a sense of community. People participated. If you were feeling unwell, the neighbor would know. This was very interesting because Ilhabela was an isolated place where people had their own rules. And they got along very well with that. They were really upset with people who would put up fences and didn't want them to pick their bananas.

Regarding the collections researched The research found mainly photographs on paper, whose negatives were unfortunately lost. These copies were stored mainly in boxes and albums; some framed. There were also many slides, always in poor condition, with many fungi and handling marks. The great surprise of the research was to bring to light daguerreotypes made in the 1920s and 1930s.

Maristela Colucci is a photographer, visual artist and graphic designer. Photography as an instrument of memory permeates some of her original works. She presented six solo exhibitions in Brazil and one in Lisbon, Portugal. Collectively, she has exhibited at the ICP (International Center of Photography, NYC), at the *Paraty em Foco* and *Tiradentes* festivals (Brazil) and also in Colombia, Italy, Thailand and Portugal. She is the author of eight photobooks, among them *Ilhabela* (Metalivros, 2010), *Antártica, um mundo feito de gelo* (Companhia das Letrinhas, 2007) and *Os meninos da Congada* (Grão, 2011). Her images are featured on 24 Brazilian stamps. They are also present in the following collections: MAM, FNAC and BnF - Bibliothèque nationale de France.

Camila Prado is a journalist. For nearly two decades, she has worked in the world of books while also engages with other printed, audiovisual, and digital content. As a collaborator at the *Museu da Pessoa*, she carried out editorial coordination and writing for publications, exhibitions and memory projects. She also works in the areas of education, the environment and culture, working for institutions such as *TV Cultura*, CENPEC, *Publifolha*, Greenpeace, *Pés no Chão*, *Natura*, *Fundação Gol de Letra* and publishing houses *Globo* and *Abril*.

Agradecimentos | Acknowledgements Agradecemos, em especial, às pessoas e famílias que, sem restrições, confiaram a nós seus acervos e/ou suas memórias de vida | We are especially grateful to the people and families who, without restrictions, entrusted us with their collections and/or their life memories: Alexandre Jannoni, Anna de Oliveira Cardial, Anna Pelizzari, Antonio Sacramento de Almeida, Arthur Carlos, Benedita Costa, Beatriz Croce, Beatriz Van Sebroeck, Bicudo, Caio Volcoff, Conrado Vanderstappen, Crau da Ilha, Daniel Julião Correa, Dedeca, Dito Dórea, Doquinha, Edmundo Pelizzari, Eulina de Mello Quinteiro, Geraldo Julião, Gilmar Pinna, Helga Klasing Chen, Helena dos Santos Carvalho, Hélio Reale, Jorge Beraldo, Juliana Borges, Julio Croce, Laura Lúcio, Lígia Lavezzo Hoffmann, Maria Cristina Braga de Arruda, Maria Lúcia Braga de Arruda, Maria Stella França, Maria Tereza Braga de Arruda, Max Rezende, Nils Urban, Onivaldo de Jesus, Coca Rodriguez, Ricardo Imakawa, Santana Reale, Sérgio Croce, Stella Maris dos Santos, Suely Amaral Vanderstappen, Tato Lopes Corrêa, Veronika Bormann, Vitória Van Sebroeck, Ubajara Souza de Almeida, Zé Nogueira.

Agradecemos a Ricardo Imakawa pela generosa cessão da entrevista por ele realizada com seu avô Kenzou. Tanto na pesquisa iconográfica como na histórica, contamos com o precioso apoio de pessoas que dedicaram tempo e conhecimento para nos ajudar

a tecer uma teia abrangente e acolhedora com outras pessoas, e mais pessoas, e mais pessoas... A todas elas, o nosso muito obrigado. | We thank Ricardo Imakawa for generously providing the interview he conducted with his grandfather Kenzou. In both iconographic and historical research, we counted on the precious support of people who have devoted time and knowledge to help us weave a broad and welcoming web with other people, and more people, and more people... Our sincere thanks to all of them.

Captions

pg 5: Postcard written by Arthur Carlos' mom (pg. 73) to her future husband. 1046 | Arthur Carlos Collection

pg 9: Rare record of the interior of the famous Companhia Santense de Navegação speedboat. São Sebastião Channel | n.d.| Eulina de Mello Quinteiro Collection

pg 11: Document from Bicudo's grandfather (pg. 78), whose hometown is Formosa, Ilhabela's name for a brief period of time. 1944 | José Francisco dos Santos Collection

pg 13: Over a long period of time, banana trees stood out across Ilhabela's landscape. n.d. | n.L. | Photo: Waldemar Belisário | Waldemar Belisário Collection

pg 14: On the following page, clockwise: Mr. Getulino making covo, a fishing trap used to catch certain species. n.d. | n.L. | Photo: Waldemar Belisário | Waldemar Belisário Collection / The mill wheel at Engenho d'Água Farm, which produced *aguardente* (sugarcane liquor) until the 1970s. n.d. | Cardial Family Collection / Due to its elevated structure, this ferry was known as *cestinha* (little basket). São Sebastião Channel | 1960s | Amaral Vanderstappen Family Collection

pg 72: São Manuel and Santa Clara *voga* canoes (traditional rowing canoe).

pg 74: Barber on weekends.

pg 79: Waldemar Belisário's home and studio.

pg 80: Dona Helena with a photo of her husband Antônio and Toninho on his lap.

pg 84: *Folia de Reis*: singing and waiting for the door to be opened.

pg 85: Zé de Alcício in the *Congada*.

pg 86, left: King Neco, Pedrinho's father.

pg 86, right: The *Ucharia* team in action.

pg 87: Ary França and his uncle Anjolino chatting.

pg 88: One of the eerie *Caiapó* masks.

pg 89: Ubajara in *Doroteia's Bath*.

pg 90: The Bar Jara, in Vila: a Mediterranean vibe in the heart of the Atlantic Forest.

pg 92: The dogs belonged to everyone and no one.

pg 93: Pedrinho do Pandeiro and his crew at Barraca do Samba.

pg 94: The Croce family and their Kombi, companion on the journey from São Paulo to Ilhabela.

pg 95: The early days of the Airfield.

Créditos fotográficos adicionais | Additional photo credits

Pg 2: Perequê | Década 1940 | Acervo Família Ansaloni / Perequê | 1940s | Ansaloni Family Collection

Pg 14-15: Mapa ilustrado por | Map illustrated by Barbara Marie Van Sebreeck Lutiis Silveira Martins

Pg 72: s.L. | s.d. | Acervo Geraldo Julião / n.L. | n.d. | Geraldo Julião Collection

Pg 74: Portinho | s.d. | Acervo Daniel Julião Correia / Portinho | n.d. | Daniel J. Correia Collection

Pg 75: Acervo Família Imakawa / Imakawa Family Collection

Pg 76: Acervo Geraldo Julião / Geraldo Julião Collection

Pg 79: Perequê | s.d. | Acervo Waldemar Belisário / Perequê | n.d. | Waldemar Belisário Collection

Pg 80: Ilhabela | 2024 | Foto: Maristela Colucci / Ilhabela | 2024 | Photo: Maristela Colucci

Pg 84: Praia do Pinto | 1980 | Acervo Dedé França / Pinto Beach | 1980 | Dedé França Collection

Pg 85: Vila | s.d. | Acervo Família Zé de Alcício / Vila | n.d. | Zé de Alcício Family Collection

Pg 86, à esquerda: Vila | 1975 | Acervo Dedé França / left: Vila | 1975 | Dedé França Collection

Pg 86, à direita: Vila | 1974 | Acervo Pedro Aydano / right: Vila | 1974 | Pedro Aydano Collection

Pg 87: s.L. | 1951 | Acervo Dedé França / n.L. | 1951 | Dedé França Collection

Pg 88: s.L. | 1980 | Acervo Dedé França / n.L. | 1980 | Dedé França Collection

Pg 89: Vila | s.d. | Acervo Ubajara de Almeida / Vila | n.d. | Ubajara A. Collection

Pg 90: Vila | s.d. | Acervo Ubajara de Almeida / Vila | n.d. | Ubajara A. Collection

Pg 92: s.L. | s.d. | Acervo Waldemar Belisário / n.L. | n.d. | Waldemar B. Collection

Pg 93: Vila | s.d. | Acervo Zé Nogueira / Vila | n.d. | Zé Nogueira Collection

Pg 94: s.L. | 1968 | Acervo Sérgio Pereira Croce / n.L. | 1968 | Sérgio C. Collection

Pg 95: C. de Aviação | s.d. | Acervo Família Urban / Airfield | n.d. | Urban F. Collection

Pg 99: Ilhabela | 2021 | Foto: Fabio Ronzano / Ilhabela | 2021 | Photo: F.Ronzano

Pg 116: Perequê | Década 1940 | Foto: Diva Ansaloni | Acervo Família Ansaloni / Perequê | 1940s

Photo: Diva Ansaloni | Ansaloni Family Collection

Colophon

During four seasons, between 2024 and 2025, the composition of this book crossed the seas of time to create an itinerary that sails through countless memories, seen here on Pólen Bold and Cartão Supremo paper and written with the fonts ITC Souvenir, Minion Pro, Noto Sans, PT Sans, Big Caslon and Krub. From this journey, no one says goodbye; tucked into the luggage remains the whisper of the wind, softly murmuring forever “see you soon”.

Back cover

Ilhabela of the sea, of the land, of fishing, of farming, of the canoe, of caiçara culture. Ilhabela of *folia* (revelry), of the *Congada*, of the ferry, the small motorboat, and summer holidays. Of the children of this land and those who have come to stay. Of traditions and crossings. Of narrow paths that, as witnessed here, widened to become the ground upon which we walk today. Images, accounts, portraits, stories. Printed on pages that tell us that once and now are times united by memory.

©2025 Grão Editora

Concepção, pesquisa iconográfica e edição de imagens | Conception, iconographic research and image editing

Maristela Colucci

Entrevistas | Interviews

Maristela Colucci

Fabio Ronzano

Camila Prado

Áudio | Audio

Fabio Ronzano

Tratamento de imagens | Image processing

M. Gallego Studio

Pesquisa histórica e textos | Historical research and texts

Camila Prado

Prefácio | Preface

Rubens Fernandes Junior

Projeto gráfico | Graphic design

Maristela Colucci

Web design

Thais Vilanova

Proposta pedagógica | Pedagogical proposal

Marina Pompéia

Audiobook

Fabiana Côrtes Carvalho Pepino

Revisão | Proofreading

Arnaldo Delgado Sobrinho

Lilian Scutti

Tradução | Translation

Daniella Vargas

Gestão de tráfego | Traffic manager

Alessandra Thomazini

Escaneie o código para ter acesso ao e-book, ao audiobook e à proposta pedagógica.

Scan the code to access the e-book, the audiobook and the pedagogical proposal.



Todos os esforços foram empregados para identificar pessoas presentes nas fotografias e também seus autores. Se tiver alguma contribuição a fazer nesse sentido, por favor, escreva à editora. Every effort has been made to identify the people in the photographs as well as their authors. If you have any contribution to make in this regard, please contact the publishing house.

Editado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 | Edited according to the Portuguese Language Orthographic Agreement of 1990.

1ª edição | 1st edition - 2025

editoragrao@gmail.com



Grão é a partícula que capta fragmentos de luz no papel fotográfico. É o poder da semente. A um só tempo memória e promessa de futuro.

Grão is the particle that captures fragments of light on photographic paper. It is the power of the seed. At once memory and a promise of future.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD		
V712	VILLA BELLA: Memória iconográfica de uma bela ilha (Ilhabela 1900-1980) / organizado por Maristela Colucci, textos de Camila Prado Ilhabela, SP : Grão Editora, 2025. 116 p. : il. ; 22,5cm x 15,5cm.	
	ISBN: 978-65-984640-2-8	
	1. Fotografia. 2. Memória. 3. História. 4. Cartões-postais. I. Colucci, Maristela. II. Prado, Camila. III. Título.	
2025-2899		CDD 770 CDU 77
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410		
Índice para catálogo sistemático:		
1. Fotografia 770		
2. Fotografia 77		



Durante quatro estações, entre 2024 e 2025, a composição deste livro atravessou os mares do tempo para criar um itinerário que navega por incontáveis memórias, aqui vistas em papel Pólen Bold e Cartão Supremo Alvura e escritas com as fontes ITC Souvenir, Minion Pro, Noto Sans, PT Sans, Big Caslon e Krub. Dessa viagem, ninguém se despede: segue na bagagem um chiado de vento, sussurrando pra sempre “até breve”.

Projeto realizado através do Edital 045/2024, chamada pública 006/2024, PEC – Programa de Estímulo à Cultura – da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Ilhabela.

Project carried out through Public Call 006/2024, under Notice 045/2024, PEC – Culture Incentive Program – from the Culture Dept of the Municipality of Ilhabela.

Ilhabela do mar, da terra, da pesca, da roça, da canoa,
da cultura caiçara.

Ilhabela da folia, da Congada, da balsa, da lanchinha,
do veraneio.

Dos filhos da terra e de quem chegou para ficar.

Das tradições e travessias.

Dos caminhos estreitos que aqui testemunhamos
se alargarem para serem o chão onde hoje se pisa.

Imagens, relatos, retratos, histórias. Impressas em
páginas que nos contam que outrora e agora são
tempos unidos pela memória.

Financiamento



PREFEITURA DE
ILHABELA
A ILHA DE TODOS COM O TRABALHO DE MUITOS

Secretaria de
CULTURA

PEC
PROGRAMA DE
ESTÍMULO À
CULTURA

Realização

:grão
editora